

J É S S I C A M I G U E L

Petrus



S É R I E I R M ã O S T I M B E R G



Petrus
Jéssica Miguel

Petrus – Série Irmãos Timberg – 2ª edição

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

De acordo com as Normas de Leis e das Convenções Internacionais, são proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Copyright © 2018 Jéssica Miguel

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial

Preparo de Originais: Jéssica Miguel

Revisão: Cristiane Castro

Diagramação: Jéssica Miguel

Capa: Editora Motres

Imagens: © AdobeStock/ Andrii Iurlov, © Depositphotos/ Alexgukbo

Sinopse

Existe uma linha muito fina entre o amor e a amizade. Petrus e Ana sabem que, a partir do momento em que ultrapassarem esse limite, será um caminho sem retorno. Isso os fez manter seus sentimentos trancafiados em seus corações.

Até que Petrus aceita uma aposta.

E em uma noite, a linha que eles tanto lutaram para não ultrapassar, se rompe.

Agradecimentos

Primeiro, quero agradecer a Deus. Ele é o responsável por cada pequena inspiração, cada mínimo detalhe. Cada frase escrita aqui teve a sua benção.

Aline Miguel, obrigada por me apoiar nessa longa jornada. Você é minha maior incentivadora e é aquela a quem sempre quero correr para compartilhar cada pequena vitória. Devo muito a você. Você é a melhor irmã do mundo! Amo você!

C. M. Carpi, obrigada por cada áudio mal-humorado, cada puxada de orelha e cada observação. Você sabe melhor do que ninguém como dar o primeiro passo é difícil, e eu te agradeço *com todo o meu coração* – percebeu o trocadilho? – por ter dedicado vários minutos a ler e opinar sobre Petrus e tantas outras histórias.

Ruby Lace, minha magrela, obrigada por se empolgar, gritar e pular junto comigo. Você foi uma das primeiras a me aconselhar. Obrigada por me ensinar tantas coisas fantásticas.

Sue Hecker, se não fosse por seus áudios de incentivo, talvez eu jamais me sentisse compelida a compartilhar algo tão íntimo com o mundo. Obrigada por tudo!

A todas as minhas leitoras do Wattpad, o meu mais sincero obrigado, e

meu mais forte abraço. Flávia, Patrícia, Paula ... dentre tantas outras que comentaram, surtaram, e até mesmo se apaixonaram junto comigo. A cada capítulo, a cada cena, a cada nova ideia que eu passava para o papel, era somente em vocês que eu pensava. Era somente a reação de vocês que eu imaginava. Obrigada por embarcarem comigo nessa viagem.

Obrigada a cada leitor. Sem vocês, nada disso seria possível.

Com carinho,

Jéssica Miguel.

Playlist

CAPÍTULO 01: Lucky – Jason Marz feat Colbie Caillat

CAPÍTULO 02: I'm Yours – Jason Marz

CAPÍTULO 03: Beautiful Soul – Jesse McCartney

CAPÍTULO 04: I'm Yours – Jason Marz

CAPÍTULO 05: A Thousand Years – Christina Perri

CAPÍTULO 06: Fix You – Coldplay

CAPÍTULO 07: Dois Corações – Melin

CAPÍTULO 08: Dona Maria – Thiago Brava e Jorge

Para Malu, minha vida.

E para Ruby, minha Ana.

*“Eu sinto o seu sussurrar através do mar
Eu trago você comigo no meu coração
Você faz ser mais fácil quando a vida fica difícil”
Lucky – Jason Marz e Colbie Caillat*



O crepitar na pequena lareira deixava o ambiente mais aconchegante, enquanto o casal de amigos terminava a segunda garrafa de vinho. As risadas eram cada vez mais frequentes durante o diálogo, condizendo com o estado de espírito em que cada um se encontrava.

Era para ser um sábado de dia dos namorados como tantos outros que já passaram juntos, não fosse pela aposta que Petrus e Apolo fizeram alguns meses antes. E a penitência era passar aquele sábado trancafiado em um quarto de hotel minúsculo com a única mulher que fazia o seu sangue correr mais quente nas veias.

Petrus estava deitado de lado com a cabeça apoiada em uma mão, enquanto brincava com a taça de vinho na outra. Manteve o sorriso no rosto, ao mesmo tempo em que observava minuciosamente a mulher sentada a poucos centímetros de distância.

Os cabelos castanhos estavam presos em um coque desleixado no alto da cabeça e alguns fios rebeldes pendiam soltos emoldurando seu rosto delicado. A luz bruxuleante dava à Ana uma aura incrivelmente sedutora e ela sequer se dava conta disso.

Seus olhos caíram para os lábios carnudos no exato momento em que Ana levou a borda da taça à boca, sorvendo um generoso gole da bebida, para logo em seguida lambe os lábios como se não quisesse deixar escapar nem

uma gota de álcool sequer.

Notou o olhar de Petrus avaliando-a e fez o possível para esconder o leve tremor em suas mãos. Um arrepio subiu por sua espinha e ela preferiu pensar que era devido à baixa temperatura da noite serrana.

Estava com as costas apoiadas no sofá de dois lugares e vestia o seu velho e confortável moletom com estampas de unicórnios. Trouxe suas pernas para mais perto do corpo e tomou mais um gole de vinho.

Petrus ainda a olhava de forma intensa, mas Ana não queria encará-lo. Temia que todos os sentimentos que mantinha aprisionados em seu peito, transbordassem pelos olhos. Ou que, de repente, todas aquelas sensações adormecidas, simplesmente despertassem.

Olhou para o fundo da sua taça, agora quase vazia, e mordeu o lábio inferior. Queria ouvir mais a voz rouca e grave que tanto lhe arrepiava a pele, ou a gargalhada relaxada que a deixava extasiada. Mas não podia.

Antes tê-lo ao seu lado como amigo, a vê-lo se afastar assustado.

— Oh, meu Deus! Não me diz que isso são... — murmurou.

— Gemidos? — completou brincando. — Oh, sim, Ana. São gemidos.

Os olhos de Ana pousaram em Petrus e ela piscou algumas vezes. Foi inevitável não notar a mudança em sua feição. O sorriso aberto e descontraído, deu lugar a um repuxar de lábios sensual; os olhos, antes abertos, estavam cerrados e penetrantes.

— E não parecem ser gemidos de dor. — A voz de Petrus saiu mais baixa e rouca, em um tom muito sensual.

Ana sentiu sua pele formigar e fechou os olhos tentando esconder todas as emoções que duelavam dentro dela para se libertar.

Por um segundo, permitiu-se imaginar como seria ouvi-lo usar aquele tom para sussurrar juras de amor ao pé de seu ouvido enquanto seus corpos suados se entrelaçavam em meio ao emaranhado de lençóis.

Arfou sonoramente e percebeu que Petrus ainda a olhava, desta vez com mais atenção, como se estivesse estudando a reação dela às suas palavras. Agradeceu silenciosamente a falta de iluminação no quarto, pois assim conseguiria esconder o tom de vermelho que tingiu suas bochechas.

— Eu não pensei que fosse — admitiu em um sussurro, satisfeita por sua voz não ter falhado.

Petrus estourou em uma gargalhada deliciosa. O som forte espalhou ondas de choque por todo o seu corpo e fez o seu estômago se contrair de prazer. Era maravilhoso vê-lo tão próximo e descontraído.

Existia uma conexão especial entre eles, e Ana sabia que Petrus também a sentia. E foi quando o viu se retrair, que fez o mesmo com seus sentimentos. Porém naquela noite, as coisas pareciam diferentes, como se o laço entre eles estivesse mais forte.

Viu-o se levantar e dar alguns passos na direção da lareira, balançando a cabeça de um lado para o outro e ainda sorrindo. Observou-o se agachar de cócoras e admirou o movimento dos músculos por sob a camisa de algodão.

— Você, às vezes, é muito puritana — comentou enquanto acrescentava alguns pedaços de madeira no fogo.

— Hã?

Petrus virou a cabeça, olhando-a por sobre o ombro e sorriu de lado. Com sua visão periférica, conseguiu enxergar Ana inclinar a cabeça para o lado e erguer uma de suas sobancelhas, o que fez o seu sorriso aumentar.

— Do que você está falando, Petrus? — Piscou os olhos confusa.

Petrus voltou a olhar para as chamas que aumentavam conforme ele usava o atizador para remexer a madeira. Ao se erguer, ele esfregou as mãos na calça de flanela e a olhou nos olhos.

— Você sabe que eu sou um ótimo observador — comentou, dando alguns passos à frente.

Ana franziu a testa ao vê-lo se aproximar mais do que antes, sentando-se em uma posição relaxada, recostada no sofá e as pernas esticadas para a frente.

Ao notar que era observado, Petrus abriu um sorriso tímido e encarou o par de olhos escuros que tanto amava.

— Você é muito transparente, Ana. É fácil perceber quando está interessada em um assunto ou quando alguma coisa te deixa desconfortável.

— Oh! — Piscou algumas vezes antes de continuar. — Quer dizer que percebe quando fico desconfortável? — Olhou para Petrus com o seu melhor olhar debochado. — Achei que você sequer me notava.

Petrus desviou os olhos, temendo que Ana conseguisse enxergar através deles. Seu coração apertou só de pensar nas inúmeras vezes em que fingiu que a presença dela não o abalava. Doce ilusão. Inclinou o corpo e alcançou mais uma das garrafas de vinho. Um pouco mais de álcool não seria tão ruim. Não naquele momento.

Ficou alguns segundos em silêncio, apenas olhando para o fundo da taça, como se as respostas para todas as perguntas estivessem lá. Quis contar para ela todas as vezes que sentiu o arrepio na espinha ao ser invadido pelo cheiro cítrico que ela exalava.

Então sim, ele a notava.

Todas as células do corpo de Petrus a notavam.

Virou de lado e encarou Ana. Ela tinha o braço apoiado no sofá e a cabeça repousava na palma da sua mão. Seu olhar era apreensivo e o nariz arrebitado estava franzido. Petrus sentiu uma vontade enorme de beijá-la ali, mas se conteve. Olhou-a nos olhos e sentiu um calor irradiar por todo o seu peito.

— É impossível não notar uma mulher como você, Ana — murmurou em um só fôlego.

Ana piscou como se quisesse ter certeza que não estava sonhando. De todas as respostas que ele poderia dar, aquela era a única que Ana jamais pensou ouvir.

Petrus acariciou sua testa, desfazendo o vinco que se formou entre as sobrancelhas. Suas respirações estavam pesadas, ofegantes. A adrenalina fluiu pelas veias de Petrus ao mesmo tempo em que seu coração batia descompassado. Uma onda de calor serpenteou por todo o seu corpo. Deslizou a mão pelo rosto dela, acariciando a bochecha em movimentos de vai e vem com o dedão, memorizando a textura da pele de Ana.

Ana fechou os olhos, absorvendo o carinho. Sem perceber inclinou o rosto na direção da palma de Petrus. As sensações que um simples toque desencadeava, eram suficientes para levá-la a loucura.

Estava absorto olhando para os traços delicados do rosto de sua amada, memorizando com primor cada mínimo detalhe. As sobrancelhas perfeitamente arqueadas, os enormes cílios curvados que emolduravam naturalmente os olhos fechados, que quando abertos eram de um tom escuro que lembrava chocolate. Passou o olhar pelo nariz pequeno e arrebitado e

congelou ao chegar a boca.

A boca de Ana era perfeita.

Nos cinco anos que se conheciam, Petrus se imaginou de várias formas diferentes provando aqueles lábios cor de pêssego. Desceu um pouco a mão e, com o indicador, contornou-os com a leveza de uma pluma.

Ana queria abrir os olhos, mas tinha medo de abri-los e se perder na imensidão daquelas duas bolas acinzentadas. A realidade daquele momento se abateu sobre ela e a fez arfar. Viu-se presa em um dilema um tanto clichê.

Estava dividida entre colocar o que sentia em uma bandeja e entregá-los a Petrus, ou continuar a se esquivar. Seus sentimentos se debatiam, lutando para submergir de forma desesperada. Como um sobrevivente que duela com as ondas para respirar.

Notou os dedos dele em seus lábios e soltou um suspiro baixo de satisfação. Suas respirações aceleraram e se mesclaram, cada vez mais próximas. Ana sentia as lufadas de ar quente em seu rosto, rápidas e comedidas. Engoliu em seco e fechou os olhos, seu corpo ansiando pelo próximo passo.

Uma voz berrava sem parar em seu subconsciente, alertando-o para retroceder antes que fosse tarde demais. Existia uma linha tênue entre a amizade e o amor, e Petrus sabia que a atravessaria no momento em que seus lábios provassem o sabor dos de Ana.

Roçou o seu nariz no dela em uma última carícia e inspirou profundamente, sorvendo o perfume de Ana e, com o seu coração apertado, se afastou.

“Então não vou mais hesitar, não mais, não mais.

Não posso esperar.

Tenho certeza de que não há necessidade de complicar.

Nosso tempo é curto, e esse é o nosso destino.

Eu sou seu.”

I’m Yours – Jason Marz

Dois

Ana ficou desapontada, porém no fundo sabia que Petrus jamais arriscaria todos os anos de amizade por um momento fugaz.

Suspirou, resignada, e abriu os olhos piscando algumas vezes para espantar as lágrimas que queimavam em seus olhos. Reuniu todo o seu bom senso e ergueu a mão buscando a taça cheia de vinho. Concentrou-se para manter a mão firme, sem mostrar que tremia enquanto levava a taça à boca mais uma vez.

Munida de sua coragem líquida, surpreendeu-se com o brilho diferente que encontrou no olhar de seu amigo e, sem entender o significado, abriu um sorriso forçado que transparecia uma calma que não existia.

Petrus sentiu todos os músculos do seu corpo ficarem tensos. Fazia uma força sobre-humana para se manter firme e não puxar Ana pela nuca e dominá-la em um beijo avassalador. Percebeu quando os olhos de sua melhor amiga umedeceram e, como bom observador que era, notou também o leve tremor em suas mãos delicadas. Desanimado, a última coisa que percebeu foi o sorriso amarelo que não chegava aos olhos.

Ana sempre foi muito transparente e suas atitudes eram bastante condizentes com a sua personalidade. Não era o tipo de mulher que ficava sobre o muro, e sim aquela que pulava e se arriscava, mesmo que saísse com

alguns arranhões nos joelhos. Mas ali, Ana parecia outra pessoa.

Os olhos dela se perderam na direção da garrafa de vinho em cima do tapete preto felpudo. Petrus não sabia o que se passava pela cabeça dela, porém podia imaginar. É claro que ela também teria sentido as faíscas de minutos atrás e com certeza ficou confusa, talvez até chateada. Praguejou mentalmente.

Petrus virou todo o líquido de sua taça na boca e sentiu a garganta queimar. Seria mais digno confessar os seus sentimentos e inseguranças para ela, afinal, cinco anos era tempo demais para guardar tanto dentro de si mesmo. Porém, para tal fato, ele precisava de mais coragem.

— Você já se apaixonou, Ana? — A voz de Petrus estava carregada de uma emoção desconhecida com uma pitada de melancolia.

Ana o olhava por cima de sua taça, tentando interpretar sua expressão. Mas os olhos que antes brilhavam, agora estavam sombrios, quase doloridos.

— Sim, já — respondeu.

Ao contrário da voz de Petrus, a de Ana saiu insegura, trêmula. Sua garganta estava seca e seu coração pulsava vertiginoso. Não deviam caminhar por essa direção. Não quando ela já sabia o desenlace. Desviou os olhos e apoiou sua taça no chão. Cruzou as pernas na posição de chinês, esticando mais a coluna até ficar bem ereta.

Petrus havia tomado a sua decisão. Estava atravessando definitivamente a linha imaginária da amizade. Captou a tensão que emanava do corpo de Ana enquanto ela colocava uma almofada enorme em seu colo, como um escudo. Aguardou em silêncio enquanto ela buscava novamente sua taça e enlaçava os dedos ao redor da base de cristal.

Ana varreu o quarto com o olhar, pronta para escapulir na primeira oportunidade. Pensava em dar uma boa desculpa e se trancar no banheiro, ou simplesmente ir dormir. Mas lembrou que Petrus era alguém muito especial. Mais que um simples amigo, ele era aquele que fazia o seu coração bater mais forte e rápido. Que a fazia suspirar, mesmo que às escondidas.

Tentou dar o seu melhor sorriso brincalhão enquanto o encarava de volta.

— Acho que já chega de vinho por hoje. — Engoliu o vinho todo da sua taça e seu coração saltou uma batida ao perceber que os mesmos olhos que fitavam os seus, pareciam hipnotizados acompanhando o movimento de sua língua.

Bendita mania, pensou.

Petrus acompanhou todo o movimento que a língua dela fazia ao lambe os resquícios do vinho de seus lábios. Deliciava-se com a cena ao mesmo tempo em que guardava a sua taça em algum lugar qualquer. Fechou os olhos e forçou-se a controlar a respiração afetada.

Antes que Petrus formulasse algo para dizer, os vizinhos se empolgaram aumentando o volume dos gritos e gemidos. Não resistiu e caiu na gargalhada ao reparar os olhos de Ana ficando cada vez maiores pelo espanto.

A tensão que antes dominava o ambiente, deu lugar à diversão enquanto a mulher do quarto ao lado gritava sem pudor e soltava palavras aleatórias, pedindo mais ao seu parceiro.

Os quartos do hotel tinham basicamente a mesma planta. Eram pequenos, porém aconchegantes. O chão era todo coberto por um tapete macio, a cama era no tamanho padrão das de casal e uma cabeceira de

madeira ornamentada fazia conjunto com os dois criados-mudos, um em cada lado.

Um sofá de dois lugares ficava entre a cama e a lareira, e um jarro com algumas plantas de plástico enfeitavam o canto próximo à janela. Ao lado da lareira estavam uma cesta com pedaços de madeira secos e um suporte com o atiçador. O frigobar ficava embutido no armário que só tinha duas portas e três gavetas.

Petrus gargalhou ainda mais quando os olhos de Ana aumentaram ao ouvir o barulho alto da cama batendo contra a parede. Os gemidos da mulher misturavam-se com um grunhido masculino e, tão de repente como tudo começou, os barulhos cessaram.

Ana estava desconfortável. Aquela não era a primeira vez que algo do tipo acontecia. Lembrou-se da primeira vez que viajou com os Timberg. Na ocasião, o destino escolhido foi Las Vegas e todos ficaram no mesmo hotel. No mesmo andar. Coincidentemente, Ana ficou com o quarto entre Apolo e Eros.

Bem, foi *impossível* dormir.

Ana descobriu da pior forma possível que seus novos amigos eram insaciáveis.

A morena só conseguiu dormir nos primeiros dias graças ao fone de ouvido, ou quando estava bêbada demais para abrir os olhos. Sorriu ao relembrar as manhãs em que Petrus cuidava dela cheio de carinho, segurando-a enquanto vomitava e a medicando quando necessário.

Petrus manteve o sorriso no rosto, fingindo não notar os olhos perdidos de Ana. O corpo dela estava mais relaxado e isso o acalmou. Virou a garrafa de vinho em sua taça mais uma vez enchendo-a até a metade, e repetiu o

gesto na de sua amiga.

— Quem te vê assim acha que você nunca teve um orgasmo — falou em um tom divertido, tentando manter o clima agradável. Levou a taça de vinho à boca, sorvendo mais um gole.

— Não com penetração... — comentou distraída.

Ao ouvir aquelas palavras, Petrus cuspiu o vinho em várias direções, tossindo sem parar. Surpreendeu-se pela naturalidade com a qual Ana respondeu à sua provocação, e mais ainda com o tom que ela usou. Ela não estava jogando com ele, mas sim lhe contava a verdade.

Embaraçado, Petrus desviou os olhos para a desordem à sua frente e esticou as pernas, cruzando-as e pigarreou.

— Pensamento positivo. Ao menos algum homem já te levou ao paraíso, Ana...

— Isso é você quem está dizendo!

— ... e isso é mais do que... muitas... mulheres... — Petrus foi diminuindo a voz até silenciar-se por completo. Engoliu em seco, olhando para a expressão divertida no rosto de sua amiga.

Ana não conseguiu segurar a língua. As palavras simplesmente fugiam de sua boca e quando notou o que falava, já era tarde demais.

Ninguém precisava saber que sua vida sexual era frustrante, ao menos acompanhada. Já sozinha, quando imaginava mãos brancas como o leite passeando por suas curvas, sentia um prazer colossal. É claro que ela nunca admitiria que era o nome dele que ela clamava quando atingia o ápice.

Percebeu que Petrus ficou mudo e analisou melhor o seu rosto. Petrus tinha os lábios entreabertos, deixando clara a sua surpresa. Seus olhos

passaram por seu maxilar quadrado com uma barba rala em um tom de loiro quase branco, o nariz pequeno e curto que deixava as maçãs do seu rosto mais evidentes.

Encarou seus olhos, delineado por cílios espessos e alongados. As sobrancelhas grossas e arredondadas estavam erguidas e Ana segurou a vontade de traçá-las com o dedo.

Recobrando-se do susto, Petrus engoliu em seco antes de tomar mais um gole generoso da bebida. Não era possível que uma mulher como Ana não tenha atingido o ponto mais alto do prazer com um homem. A não ser que...

Mil possibilidades passaram pela cabeça de Petrus, porém seus pensamentos foram interrompidos pela deliciosa gargalhada de Ana.

— Seria esperar muito que eles fossem discretos? — questionou ainda sorrindo, logo após os vizinhos voltarem a dar sinal de vida.

— Você ainda acha melhor suspender o vinho?

— Não mesmo! — respondeu apressada. — Nem pensar!

Ana explodiu em mais uma gargalhada e Petrus a acompanhou, satisfeito pela atmosfera que os circulava.

*“Você é o que eu quero abraçar
Eu não vou deixar que mais nenhum minuto seja desperdiçado
Eu quero você e a sua bela alma.”
Beautiful Soul – Jesse McCartney*

Três

A conversa entre os dois voltou a fluir naturalmente. Ana relaxava aos poucos e Petrus disfarçava a sensação de peso no estômago por ter permitido que passasse a primeira e única oportunidade de se abrir com a dona do seu coração.

Passaram horas conversando sobre os mais variados temas. A dona dos cabelos castanhos jamais havia se sentido tão confortável na presença de Petrus. Mesmo sendo íntima de todos os quatro irmãos, Petrus era aquele que a desconcertava somente com a sua presença.

Certa vez Helena – a mãe de Eros – questionou se o motivo por trás de tantos olhares na direção de Petrus era por ele ser albino. Ana ficou muito envergonhada. Não pelo caminho que os pensamentos de Helena estavam tomando, mas por ter sido pega no flagra. Foi franca com a mulher e admitiu seus sentimentos por Petrus pela primeira vez em voz alta.

Todos os que não eram cegos conseguiam ver os sentimentos mútuos que os jovens nutriam um pelo outro. Entretanto, não sabiam como intervir de forma sutil para fazê-los pensar que tudo se desenrolou de forma natural.

Ninguém queria forçar uma aproximação entre eles. Queriam só que enxergassem aquilo que todos viam.

Ana estava deitada de lado com a cabeça apoiada no abdome rijo de

Petrus, que por sua vez estava recostado sobre algumas almofadas. Estavam na quarta garrafa de vinho e o álcool já começava a falar por eles.

Enlaçou sua mão na de Petrus e por alguns curtos minutos somente ouviram a madeira estalando enquanto era consumida pelo fogo. Queria dizer tantas coisas a ele, abrir o seu coração e contar sobre todas as vezes que os imaginou juntos, de mãos dadas, trocando carícias e juras de amor eterno.

Petrus fechou os olhos e sentiu que os pontos em que seus corpos se tocavam eram mais quentes. Ergueu sua mão livre e enfiou os dedos nos fios longos e castanhos, apreciando a textura e maciez.

Suspirou e abriu os olhos, focando-os nas chamas alaranjadas. Imaginou os cabelos de Ana caindo em cascata, formando uma cortina, isolando-os em um mundo só deles, enquanto seu quadril subia e descia em um ritmo lento e intenso...

Remexeu-se, inquieto diante as imagens perturbadoras que surgiram em sua mente. Desviou seus pensamentos para os planos de Apolo para aquela mesma noite. Desejava que o irmão fosse feliz. Bianca era uma mulher incrível e na exata medida para ele.

Ana observava o reflexo das chamas nos olhos perdidos de Petrus. Não existia uma única vez que o olhasse, e não sentisse o seu coração acelerar. Os lábios de Petrus esticaram-se de forma tímida e Ana queria ter o poder de ler mentes para desvendar o que o levou a sorrir de maneira tão natural.

De repente, Ana sentiu-se compelida a ser o motivo do sorriso de Petrus. Apertou a sua mão com força, chamando a sua atenção e o olhou com adoração.

Petrus sentiu a pressão em sua mão e não hesitou em olhar para baixo. Quando seus olhos encontraram os de Ana e viu toda a emoção que

transpareciam, perdeu o fôlego.

— Eu adoro quando você deixa a barba grandinha.

Demorou um pouco para Petrus se dar conta do que sua amada havia falado e, quando o fez, não conseguiu reprimir a alta gargalhada que escapou por sua boca. Ana sabia o quanto ele detestava acordar mais cedo somente para se barbear.

— Adoro as covinhas que aparecem quando você sorri.

Petrus parou de rir e a encarou de forma intensa. Estudou o rosto delicado enquanto a sua mente trabalhava a mil por hora tentando desvendar aonde Ana queria chegar com aquela lista.

Perdeu a noção do tempo enquanto a admirava. Estava tão confortável em seu colo, parecia uma deusa. A forma como seus cabelos estavam jogados por cima das pernas de Petrus e seu rosto tinha um leve rubor causado pelo vinho. Seus lábios estavam entreabertos e pareciam ser tão macios e...

Ana pigarreou, fazendo-o despertar de seus devaneios. Petrus sentiu as bochechas esquentando e desviou os olhos para um canto qualquer.

— Acho que é a sua vez de dizer que adora algo em mim, não?

Ana estava com uma sobrancelha erguida e usava o seu melhor tom debochado. Petrus já a tinha ouvido falar assim enquanto brincava com os seus irmãos, mas nunca com ele.

Petrus buscou a melhor forma de dizer tudo, sem dizer muito. Engoliu em seco, desconfortável, e se sentiu sufocar um pouco.

As tarefas mais simples, são também as mais difíceis de cumprir. Admirava tantas coisas em Ana que não sabia por onde começar a falar, sem que transparecesse os seus sentimentos. Travou uma batalha interna em sua

mente. Razão versus coração. Precisava colocar tudo em uma balança e ponderar até onde poderia ir sem assustá-la com a intensidade de suas emoções.

Ana crispou os lábios um tanto frustrada com o silêncio de Petrus. Percebia por sua feição que ele estava pensando no que dizer. Não imaginava que fosse tão difícil para ele encontrar algo bom nela. Mesmo que fosse magra demais e não tivesse os atributos que costumavam chamar a atenção do sexo oposto – ou, sequer, do mesmo sexo – ainda tinha algumas qualidades, certo?

Seu ex-namorado era bastante realista quando dizia que ela não era dona de uma beleza relevante e foi sincero – quase cruel – quando assumiu que a traiu diversas vezes porque o seu corpo “sem carne” não o satisfazia.

Como sempre a culpa pela insatisfação do homem era da mulher. Na casa ou fora dela.

Por anos Ana recorreu às mais variadas fórmulas médicas, simpatias de revistas de fofoca e até mesmo comeu em *fastfoods* diariamente para ganhar peso. Mas nada parecia ter o efeito desejado. Em realidade, só trouxeram problemas à sua saúde.

Com determinação e algumas sessões de terapia, Ana deu a volta por cima. Mudou a alimentação e o estilo de vida, além de começar a frequentar a academia diariamente. E foi assim que conheceu um dos irmãos Timberg.

Apolo era *personal trainer* na academia que Ana frequentava. Com o passar do tempo, eles tornaram-se mais próximos. Apolo via em Ana a determinação e a força de uma amazona e colocou-a sob suas asas.

Lembrou-se de um dos dias em que quis desistir e por pouco não jogou tudo para cima. Apolo foi atrás dela e a viu em uma de suas últimas crises de

baixa autoestima. Ana chorava encarando um pote de sorvete tão concentrada que sequer ouviu a porta do seu apartamento sendo aberta.

Apolo e Ana tinham uma ligação muito forte. Ele a enxergava por completo, não só a magrela desajeitada.

A mente de Petrus formulava frases cada vez mais próximas do que ele queria dizer, aumentando a sua confiança. Sorriu ao mesmo tempo em que subia os olhos para os de Ana e estagnou ao notar as lágrimas que brilhavam ali. Seu sorriso murchou na mesma hora e ergueu uma de suas mãos, porém Ana rapidamente levantou e virou-se, ficando de frente para ele.

Ana percebeu que estava próxima de sucumbir e deixou-se levar pelo desespero momentâneo.

— Eu nunca me importei com a minha aparência, Petrus, porque sei que não sou bonita. — Ana deu um meio sorriso e sentiu as lágrimas quentes rolando por suas bochechas. — Mas sempre tentei ser a melhor pessoa possível, sabe? Compensar a feiura com a simpatia, até que um dia isso parou de importar para mim.

— Ana...

— Esses padrões de beleza estimulados pela mídia são completamente insanos — disse entre lágrimas.

A voz de Ana estava quebrada e desesperada. Petrus quis puxá-la para si e a abraçar forte, mas permaneceu mudo. Sabia que aquele momento era importante, e que Ana precisava que ele ouvisse.

— Acho lindo as pessoas pregando a cultura do “ame ao seu corpo como ele é” ou “se ame acima de tudo”, mas só quem não está no padrão sabe como é difícil ser aceita. Principalmente por si mesmo.

— Sei bem o que quer dizer — sussurrou. Tocou os fios bagunçados de Ana, acalentando-a.

— Mesmo que a gente seja íntimo, ainda é estranho falar sobre esse assunto. — Fungou. — Talvez seja por ser com você, ou o problema seja comigo, não sei. — Passou o dorso da mão no rosto de forma bruta, esfregando as lágrimas. — Mesmo depois de todos esses anos, ainda é difícil dizer que me amo, ou que amo o meu corpo. Mas eu não me importo mais com o que as pessoas pensam.

Ana ficou em silêncio. Petrus pode ver dentro de sua alma toda a dor que ainda carregava. Mas foram suas palavras seguintes que fizeram o mundo do albino girar no sentido contrário...

— Apenas você, Petrus — murmurou. — Você é a pessoa para quem eu olho buscando aprovação, seja para a roupa do dia ou no comportamento diante de alguma situação.

— Ana...

— Não, Petrus! Me deixa falar! Eu preciso falar! — atropelou as palavras, falando rápido.

Petrus sabia que deveria calá-la de alguma forma, mas também compreendia a importância de colocar para fora aquelas palavras.

Apolo já havia contado a Petrus os motivos que levaram Ana a estudar nutrição e se especializar em transtornos alimentares. Não entendia o porquê de uma pessoa se importar tanto com o corpo e com o que os outros achavam dele, porém ficava feliz quando os via levar uma vida mais saudável.

Maneou a cabeça disposto a continuar ouvindo o que quer que ela achasse importante falar, afinal, eram amigos e se ela precisava vomitar as

palavras, ele estaria ali, à sua disposição, para ouvir e aconselhar.

Ana estava tão próxima de confessar os seus sentimentos que por um único minuto parou, assustada demais com a enormidade do momento que vivenciava.

Há cinco anos ela esperava por uma oportunidade como aquela de poder se abrir para ele, mas o medo de ser rejeitada a deixava travada.

Petrus aguardava apreensivo enquanto observava a agonia refletida nos olhos de Ana. Queria beijá-la, pegá-la no colo e tirar toda a aflição de seu coração. Recolocar em seu rosto o sorriso que iluminava os seus dias mais nebulosos.

— E-eu não consigo. São tantas coisas que eu guardo aqui dentro e há tanto tempo, Petrus. — A voz de Ana era só um sussurro ao pronunciar as palavras. — Não faço ideia de por onde começar...

Petrus tinha o seu coração esmagado no peito. Percebeu que as mãos dela apertavam o tecido da calça de moletom pouco antes de as erguer e enxugar as lágrimas.

— Que tal começar me explicando o motivo das lágrimas?

*“Antes que o frio passe, eu darei o meu melhor
E nada, além de uma intervenção divina, vai me parar
Eu acho que é a minha vez de ganhar ou aprender algo.”*

I’m Yours – Jason Marz

Quatro

Ana deu um sorriso amarelo, desses que não chega aos olhos. Estava sem graça por tudo o que já tinha falado e sentiu-se ainda mais exposta diante do olhar penetrante de Petrus. Suspirou e o encarou com ternura.

— Eu me apaixonei.

Petrus camuflou a sua decepção com um sorriso sem dentes. Esperava por qualquer coisa, exceto por aquela revelação. Era irônico que a mulher por quem ele era perdidamente apaixonado, amasse a outro.

Ana não sabia como formular as frases certas para se declarar. Só teve um namorado e tudo aconteceu de forma tão natural que Ana não precisou falar nada. Nem ele, por sinal. Não se lembrava de, em algum momento, ter sido pedida em namoro. As coisas entre eles aconteceram sem pressão, inclusive o término do relacionamento.

Petrus sentiu seu coração rachar, mas manteve-se impassível.

— Isso é bom, Ana. Se apaixonar é inevitável. — Suspirou. — Na maioria das vezes.

— Eu o conheci há alguns anos, mas ele não olharia para uma mulher como eu.

— Como você *o que*, Ana?

Ela sentiu as bochechas queimarem ao reconhecer a falta de paciência na voz de Petrus. Encolheu-se, insegura, mas recusou-se a parar de falar.

— Eu não faço o tipo dele, só isso. Mesmo ele sendo muito reservado, já o vi com algumas mulheres.

Petrus não sabia o que responder. Seus músculos tremiam de raiva e os ciúmes ameaçava tomar conta de sua mente. Como foi tolo por não ter percebido antes que o coração de Ana já estava ocupado. Seria pedir demais ter uma chance com uma mulher tão incrível como ela. Logo ele, o “esquisitão da genética”.

Ana não soube interpretar o silêncio de Petrus, muito menos a sua expressão. Seus olhos estavam cerrados, seus lábios crispados em uma linha fina e sua respiração irregular. Permaneceu com os olhos fixos aos dele, mesmo que Petrus já não a olhasse mais.

— Dói, não é? — perguntou.

Ana não respondeu. Pensou que fosse uma pergunta retórica, sem necessidade de justificativa.

— É muito doloroso querer alguém e descobrir que essa pessoa nunca será sua. — Petrus passou a mão pelo rosto, tentando se recompor antes de continuar. — Há alguns anos eu conheci uma mulher...

Ana viu o olhar de Petrus brilhar, perdido, e um sorriso lindo surgiu em seus lábios.

— Lembro da primeira vez que a vi. Ela usava um vestido preto bem soltinho e seus cabelos estavam presos em uma trança de lado. Ela não usava maquiagem, como a maioria das mulheres no bar, e ainda assim era a mulher mais bonita que já vi. A gargalhada dela me lembrava o canto de uma sereia,

hipnotizante, sabe?

O sorriso de Petrus morreu aos poucos e seu lábio inferior se projetou para fora, formando um bico que Ana achou fofo.

— Eu fiquei fascinado por ela — continuou. — Fascinado e um pouco *aterrorizado*.

— Aterrorizado? — Ela quis saber, divertida.

Ana serviu mais duas taças de vinho, finalizando a última garrafa do estoque que Dionísio enviou.

— Completamente apavorado! — sussurrou.

Petrus tomou mais um pouco do líquido dos deuses, buscando em cada gole um sopro de coragem.

Era chegado o tão aguardado momento em que confessaria tudo, desde o começo. Era necessário dar o primeiro passo, para logo após dar outro. E outro. E erguer a cabeça para seguir em frente sem amarras.

— Quando olhei nos olhos dela, foi como se nossas almas se reconhecessem e se conectassem de uma forma mística. Foi Apolo quem nos apresentou e acho que só eu não a conhecia, ainda.

Ana concentrou-se na voz de Petrus, carregada de amor. Não queria que aquela sensação sufocante se apoderasse dela, a ponto de beirar o desespero. Seu peito latejava e a inveja borbilhava dentro dela. Aquela mulher era uma sortuda, e Ana faria qualquer coisa para que aquelas palavras de admiração fossem para descrevê-la.

— Lembro de ter segurado na mão dela. Os dedos eram longos e as unhas eram curtas e bem-feitas. O perfume que ela usava ainda é o mesmo, acredita? — Sorriu de lado e fixou seus olhos em Ana. — Mas o que me

deixou atordoado foi o que vi no olhar dela. Nunca vou me esquecer de como o par de olhos cor de chocolate me tiraram o fôlego.

Ana estava incomodada. Sentia-se ridícula por estar enciumada, mas mentir para si mesma era impossível. Ergueu as sobrancelhas e se perguntou o que teria de marcante no olhar da tal mulher. Olhos cor de chocolate? Isso é mais comum do que se imagina.

— As pessoas costumam olhar para um albino de um jeito esquisito — respondeu à pergunta silenciosa nos olhos de Ana. — E quando o olhar dessa mulher parou em mim... Ela olhou o homem, Ana.

Ana forçou o vinho goela a baixo e apertou a taça entre seus dedos. Lembrava-se vagamente de Clara – mãe de Petrus – comentar algo a respeito do bullying que ele sofreu e em como isso afetou a sua autoestima e, conseqüentemente, a sua forma de ver o mundo.

Petrus era uma criança comum que gostava de brincar e fazia amigos com muita facilidade, até que algumas crianças da escola passaram a chamá-lo de Gasparzinho, fazendo referência ao personagem de um filme da época. Algumas crianças mais maldosas fingiam que Petrus era invisível e o ignoravam, como se fosse realmente um fantasma.

Com o tempo, Petrus aprendeu mais sobre sua anomalia genética e a aceitou. Ser albino não alterava quem ele realmente era. Seu caráter e sua personalidade continuavam intactos.

Petrus sempre foi muito discreto com os seus encontros casuais, e esses eram raríssimos. Era completamente focado em estudar e tornou-se um médico muito conceituado.

Quando pequeno, era surpreendido a cada dia por uma nova brincadeira de mal gosto e aguentava tudo calado. Mesmo que por fora aparentasse não

se importar, por dentro era só uma criança tentando ser aceita pela sociedade.

Ana sabia em primeira mão como as crianças podiam ser más quando queriam. E os adultos costumavam ser bem coniventes com as atitudes preconceituosas dos pequenos. Fechou os olhos e, mentalmente, prometeu que jamais permitiria que seus filhos tivessem atitudes desrespeitosas com qualquer pessoa.

— Sinto muito, Petrus. — Dessa vez, Petrus ergueu as sobrancelhas de modo inquisidor. — Clara me contou algumas histórias sobre você no colégio...

Com os olhos arregalados, Petrus sabia exatamente o rumo que a conversa tomava e, no que dependesse dele, não seguiriam adiante no tema.

Fazia muito tempo que aquelas lembranças não importavam mais para ele. Na realidade, quando era lembrado de alguma piada ou brincadeira, somente sentia pena. Pena pelo ser humano sem educação e com nenhum amor ao próximo.

Com a maturidade, Petrus aprendeu a identificar quando alguém era maldoso propositalmente ou quando estava realmente brincando. Afinal, ele era um dos que tirava sarro da sua própria situação.

Petrus buscou a mão de Ana e levou aos lábios, acariciando-a antes de depositar um leve beijo.

— Não sinta. Já passou. E esse tipo de comentário não me afeta mais. — Suspirou audivelmente. — A verdade é que...

Petrus levou o indicador ao queixo de Ana e a fez olhar para ele. Deu um sorriso de lado e continuou:

— ... eu sei como é difícil para qualquer homem com alguma anomalia

ter mais chance de conquistar uma garota.

— Eu te acho lindo. — Ana mordeu o lábio inferior, amaldiçoando a sua língua por ser tão rápida.

— Acha? — A expressão no rosto de Petrus era a do mais puro assombro. Ele continuou olhando, imaginando se ela teria dito isso só da boca para fora. Seu coração batia forte e seus lábios estavam secos.

— Sim — afirmou. — Para mim você é o mais bonito da sua família. — *Do Universo*, completou mentalmente.

O silêncio que caiu sobre eles só serviu para reforçar o comentário de Ana. Petrus estava petrificado, absorvendo as últimas palavras sonorizadas por sua amiga.

Sim, ele era um homem na casa dos trinta e já não se importava mais com os olhares maldosos e comentários venenosos. Se cada um fizesse a sua parte. Se cada pessoa focasse em sua vida, o mundo se transformaria em um lugar bem mais fácil de viver.

Foram anos de analista até que ele entendesse que ninguém tinha culpa por ter nascido assim e que aceitar a sua condição era a melhor forma de lidar com o capricho de um mundo onde a beleza tem um conceito ridiculamente padronizado.

Ana não conseguiu sustentar o olhar intenso de Petrus. Virou o rosto e observou as chamas que já estavam quase se extinguindo e um arrepiou subiu por sua coluna. Viu com o canto dos olhos Petrus se levantar e buscar a manta de retalhos em lã e estender sobre os seus ombros.

Petrus pensou em milhares de coisas para dizer, não queria perder o momento, mas aquela declaração de Ana o atordoou. Ela o achava bonito e

isso era algo bom, certo? Ele só conseguia pensar em uma resposta para ela.

— Você é a mulher mais linda que já vi, Ana.

A voz rouca de Petrus cortou o silêncio. Aquelas palavras foram a mais perfeita carícia aos ouvidos de Ana. Seus lábios se esticaram em um sorriso envergonhado e Petrus se viu tentado a prová-los. Inclinou-se para a frente, ainda sustentando a manta de retalhos coloridos. Ana desejou provar o beijo de Petrus, descobrir qual o sabor dos seus lábios.

Petrus parou a centímetros do rosto de Ana. O cheiro de vinho o atingiu junto com o sopro quente de seu hálito. Subiu as mãos, pousando uma de cada lado do seu rosto.

— Eu adoro o brilho dos seus olhos, a grossura dos seus lábios e a maciez da sua pele. Adoro o seu cabelo longo, a forma redonda das suas unhas e toda a sua coleção de moletos de unicórnios. Amo a sua gentileza, a sua perspicácia e ousadia. Seu autocontrole quando está bêbada e as suas loucuras quando está sóbria.

Ana suspirou baixinho. As palavras de Petrus penetravam fundo em sua alma e eram gravadas em seu coração. Seu peito inflou com o amor que sentia por ele e seus olhos umedeceram com o alívio que sentiu. Mas nada, absolutamente nada, a preparou para o que veio a seguir.

— Não tem nada em você que eu não ame, Ana. — Abaixou o tom de voz e completou: — Eu sou completamente apaixonado por você. Sempre fui.

*“Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil.”
A Thousand Years – Christina Perri*

Cinco

Ana separou os lábios em um perfeito “o”. As palavras pronunciadas por Petrus soaram como música para seus ouvidos. O tom da voz, a emoção e a verdade em cada sílaba penetraram pelos poros de Ana, fazendo o seu sangue correr mais rápido nas veias.

Há anos desejava ouvir aquela frase. Por vezes imaginou-se ouvindo-a, e ainda assim, nada do que sua mente formulou chegou próximo da perfeição da realidade.

Petrus aproveitou-se do momento de surpresa e a puxou para um beijo casto, roçando seus lábios levemente contra os dela. Ana não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Sua mente estava trôpega, mas seu corpo despertou assim que seus lábios se encontraram. Passou os braços pelo pescoço de Petrus e aprofundou o beijo.

O toque de suas bocas e línguas funcionava como um catalizador da energia mística que os rodeava. Petrus estava completamente deslumbrado pelas sensações que varriam seu corpo. Não esperava aquela troca de energia entre eles. Ana estava igualmente maravilhada.

Suas línguas dançavam a mais bela melodia, como pares perfeitamente harmonizados. Petrus sorvia o gosto adocicado dos lábios de Ana, que mesclado ao sabor do vinho, resultava em um gosto único.

O beijo de Petrus fez Ana lembrar-se de sua infância e daqueles pirulitos que explodiam na língua. Petrus explorava cada canto de sua boca e sugava a sua língua com fome, para logo após morder o lábio inferior, fazendo Ana gemer.

Ao ouvir o som rouco sair da garganta de sua amada, Petrus se sentiu mais seguro, como se estivesse trilhando o caminho certo. Desceu as suas mãos até a cintura delgada, deixando um aperto forte lá.

O beijo tornou-se cada vez mais intenso, até que a respiração de ambos ficou curta e rápida, ambos ofegantes.

Petrus brincava diminuindo o ritmo até quase parar, e logo em seguida voltava a devorá-la com ainda mais urgência.

Ana estava cada vez mais excitada, sentia o seu corpo inteiro pulsar, implorando pelo toque de Petrus. Não conseguia controlar o ímpeto de explorá-lo. Suas mãos pareciam ter vida própria. Apertavam e acariciavam. Começou com os ombros largos, os braços fortes, as costas definidas e voltou para o peitoral.

Petrus não era um frequentador assíduo da academia, mas a genética boa dos Timberg ajudava. Seu corpo era bem constituído e Ana podia sentir o desenho de cada músculo com a ponta dos dedos.

O corpo de Ana estava quente, mesmo que não houvesse fogo na lareira. E Petrus era o único responsável pelas sensações abrasadoras que a consumiam por dentro. Arrebatada pela urgência carnal, ergueu-se e separou os seus lábios por um instante. Petrus soltou um gemido frustrado, fazendo Ana sorrir.

As mãos de Ana empurraram o seu tronco até que ele encostasse mais uma vez nos pufes. Seus olhos denunciavam a enorme expectativa do que

poderia acontecer naquela noite. Seus lábios repuxaram, formando um sorriso malicioso e satisfeito ao tê-la onde sempre quis... em seus braços.

Ana posicionou-se em cima de Petrus com as pernas uma de cada lado. Os olhos dele espelhavam a sua própria intensidade e isso a excitou ainda mais. Um suspiro baixo escapou por seus lábios ao sentir o tamanho do desejo dele, e a sua vontade era a de rebolar até que o atrito fosse suficiente para levá-los ao ápice. Mas Ana não queria ir rápido demais. Queria saboreá-lo como se Petrus fosse a iguaria mais rara.

Ambos esperaram muito por aquele momento. E queriam estendê-lo por toda a eternidade.

Petrus desejava explorar cada curva do corpo de Ana. Descobrir onde tocar para vê-la se retorcer de prazer. Desvendar a intensidade que lhe agradava, somente para ouvi-la gemer mais alto. Queria levá-la ao limite, fazê-la gritar.

Ana não ficava para trás. Queria venerá-lo, se deliciar com cada milímetro da pele leitosa. Sabia que precisava dizer alguma coisa antes, mostrar que seus sentimentos eram recíprocos. Segurou as mãos de Petrus e as puxou, enlaçando seus dedos. Beijou-o mais uma vez, bem lentamente, como se passasse todo o seu sentimento através daquele gesto.

Petrus captou a mudança no clima. A atmosfera sensual deu lugar a algo mais familiar. De uma forma surpreendente, compreendeu o que aquele beijo significava e a sua enormidade. Ana deu-lhe um selinho demorado e abriu os olhos e Petrus pode ver dentro de sua alma todo o amor que sentia.

Ana respirou fundo, tomando coragem. Foi como se Petrus a visse nua, despida de qualquer barreira. Seus olhos umedeceram, seu coração acelerou e ela engoliu o bolo que se formou em sua garganta.

Apoiou uma das mãos de Petrus em sua coxa e levou a outra até a sua boca, depositando um beijo leve, para depois levá-la contra o peito, bem em cima do coração que pulsava desgovernado.

Petrus sentiu sua garganta arder, os lábios pareciam secos e passou a língua por eles, umedecendo-os. Inspirou profundamente e soltou o ar bem lentamente. O amor de Ana o atingiu como um trem desgovernado, deixando-o completamente sem ar.

Ana abriu a boca para falar, mas parou. Estava nervosa e teve medo de estragar um momento perfeito. Declarar os seus sentimentos não deveria ser tão difícil, não quando já conhecia os de Petrus, mas ainda assim pensou que a sua intensidade poderia assustá-lo.

Petrus ergueu a mão solta até que pudesse acariciar a bochecha de Ana. Olhou-a embevecido enquanto ela inclinava o rosto contra a sua palma e fechava os olhos, suspirando.

— Eu amo você, Petrus

O médico estagnou. O seu coração parou por um segundo, para logo em seguida voltar a bater desenfreadamente. Ana nunca o havia visto sorrir daquela forma, tão radiante. Parecia que tinha recebido o melhor presente do mundo. Seus olhos também estavam cheios de lágrimas, mas dessa vez eram mais que bem-vindas, e Petrus permitiu-as cair sem se envergonhar.

— Eu não sei dizer em qual momento esse sentimento surgiu dentro de mim. A admiração tornou-se paixão e, quando eu menos esperava, já era amor. Aconteceu. Eu sei que para você pode ser cedo, mas eu preciso ser sincera com você e acima de qualquer coisa, comigo mesma.

Petrus estava nas nuvens. Queria gravar aquele momento em sua memória para poder reviver aquela cena um milhão de vezes. Inclinou a

cabeça para o lado e admirou o rosto tenso de Ana.

— Eu não acho que seja cedo, Ana.

— Não? — indagou de maneira apreensiva.

— Eu te conheço há anos — falou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Conheço os seus defeitos e as suas qualidades. Somos íntimos de muitas formas, Ana.

Ana pareceu refletir sobre o que Petrus falava. Era verdade que, mesmo sem serem tão próximos, se conheciam bem.

— Eu nunca soube como agir perto de você. Meu coração acelerava e minhas mãos suavam e tremiam. Eu me sentia igual a um adolescente tímido na presença da sua primeira paixão.

Ana sorriu e, assim como Petrus, permitiu que algumas lágrimas rolassem por seu rosto. Ela sentia-se inteira. Plena. Como se ao longo de toda a sua existência, um pedaço seu estivesse desaparecido, e somente ali, naquele momento, o tivesse encontrado. Petrus mantinha a carícia em sua bochecha, afastando algumas lágrimas.

— Eu sempre ficava te olhando de longe. Às vezes te encarava por tanto tempo, que ao me dar conta do que estava fazendo, olhava para os lados só para ter certeza que ninguém havia reparado — falou, sorrindo. — Nunca ficava perto quando via algum cara te paquerando. Não para dar mais liberdade para ele se aproximar, que fique claro. Mas eu não aguentava ver você ser simpática com um desconhecido. Sentia ciúmes e...

Petrus congelou. Recordou o que ela havia dito mais cedo sobre não fazer o tipo do homem por quem ela era apaixonada. Um arrepio varreu o seu corpo quando a voz de Ana ecoou em sua mente: “já o vi com algumas

mulheres...”

Remexeu-se inquieto e puxou Ana pelos ombros. Ele sentia uma necessidade absurda de dizer para ela que nenhuma daquelas mulheres significava qualquer coisa para ele.

Ana notou a mudança na expressão de Petrus. Assustou-se com a confusão em seus olhos e logo conseguiu captar o fluxo de pensamentos que o rondava.

— Ana...

— Eu sei exatamente o que você vai dizer. Então, faça um favor a nós dois e não diga nada.

— Mas eu preciso...

— Não, Petrus. Fala sério! Eu não me importo com o seu passado.

— Mas...

— Escuta. Doeu. Doeu pra caralho. E eu era masoquista ao ponto de não desviar o olhar. Queria ver até onde você ia, mas você sempre foi muito reservado. — Revirou os olhos fazendo-o rir. — São águas passadas. E, pensando bem, eu também não fui uma santa nesses últimos anos...

— Eu realmente não quero saber — rosnou.

— ... e não vou te condenar de forma alguma. Para mim só vai importar o daqui para frente.

Petrus fechou os olhos por um instante e agradeceu silenciosamente ao Universo por ter tirado a sorte grande de ter se apaixonado por uma mulher tão incrível, madura e confiante.

Fitou-a com um olhar bobo e cheio de carinho. Ana sorria docemente

para ele e seu coração parecia querer explodir no peito. Ali ele teve a certeza de que aquele sentimento enraizado em sua alma, seria para além da vida.

*“Luzes te guiarão até em casa
E aquecerão seus ossos
E eu tentarei consertar você”
Fix You - Coldplay*

Seis

Ana enrolou seus braços no pescoço de Petrus e o puxou para um abraço. De olhos fechados, aspirou o aroma adocicado. Era o mesmo perfume que ele usava na primeira vez que o viu e em todas as vezes depois daquele dia. A sensação de estar nos braços dele, era a mesma de estar em casa. Confortável e relaxante.

Petrus enlaçou a sua cintura fina. Ana era tão magra que ele tinha receio em abraçá-la muito forte. Amava o corpo dela, achava-a linda. Conhecia de cor cada traço, cada sinal e cada marca. Imaginou-se tocando no corpo dela mais vezes do que podia contar e ali estava ele, tendo-a da forma que sempre desejou.

Ficaram um tempo trocando beijos e carícias. A conversa tornou-se mais íntima e leve. As risadas voltaram a fluir naturalmente e, então, lembraram-se da mala surpresa.

Quando abriram a porta do quarto, a primeira coisa que viram foi a mala vermelha enorme. Estava enrolada em um laçarote dourado e com um bilhete grampeado. Ana foi a primeira a se aproximar do objeto, enquanto Petrus ligava para a recepção em busca de respostas

Ana leu o bilhete e ao ver a assinatura, jogou a cabeça para trás e gargalhou alto. Petrus perdeu a fala diante de tamanha beleza. O cabelo dela

se desprende do coque, caindo em cascatas por suas costas e ombros, seus olhos se fecharam e a boca se abriu. Um verdadeiro espetáculo.

— Eu não consigo parar de rir! — Ana falou ao notar a expressão de Petrus.

— Deixe-me ler isso aqui — pediu.

Agradeceu ao atendente e desligou. Deu alguns passos em direção à Ana e pegou o papel branco de suas mãos. Ana enxugava as lágrimas ao mesmo tempo em que se jogava na cama que rangeu.

“Querido irmão e magrela. A família mais incrível do mundo se reuniu para transformar a noite de vocês em algo bem mais divertido. Dentro dessa mala vocês encontrarão tudo (e quando digo tudo quero dizer tudo e algo mais, afinal quem fez a lista de produtos foi a Helena) o que precisam para as inúmeras situações que todos (sim, a calcinha de renda foi ideia da vovó Lis) imaginamos. Divirtam-se, crianças. E usem as camisinhas (isso foi Bianca quem falou).

Com amor, família.

Obs: acho melhor vocês beberem todas as garras de vinho antes de abrirem o outro lado da mala.”

Depois de ler o bilhete, Petrus ficou bastante sem graça, mas Ana não perdeu o jogo de cintura e, depois de algumas brincadeiras, abriu a mala e retirou a primeira garrafa de vinho e as duas taças de cristal.

— Petrus?

Petrus balançou a cabeça de um lado para o outro, afastando as lembranças de algumas horas atrás.

— O que foi, amor?

— Você estava viajando...

— Só me lembrando do bilhete de Apolo.

— Eu vou guardar aquilo para sempre. — Petrus ergueu uma sobrancelha e a olhou com ar de deboche e Ana começou a rir. — Eu guardo tudo que é especial, Petrus. Você devia saber disso.

— Ah, é mesmo?

Ana revirou os olhos, recusando-se a assumir que guardava realmente tudo que fosse emocionalmente importante. Como, por exemplo, as meias que ele emprestou uma vez ou o guardanapo em que ele escreveu o nome do remédio que ela precisava tomar.

— Essa foi a última garrafa de vinho. — Mudou de assunto. — Acho que podemos abrir a outra parte da mala, não?

— Eu nunca sei o que esperar da minha família.

— Eles são maravilhosos — Ana sussurrou e Petrus acenou com a cabeça. — Eu tenho uma teoria...

Ana abriu um sorriso malicioso e logo Petrus a acompanhou.

— Eu vou adorar saber qual é — falou com a voz rouca.

— Acho que a sua família sabia dos nossos sentimentos e quiseram nos... “empurrar” um para o outro.

Petrus refletiu sobre isso por alguns segundos e chegou à conclusão que seria a teoria mais provável. O que significava que ele não sabia disfarçar tanto assim o seu interesse em Ana. Olhou-a e seu coração acelerou. Existia entre eles uma conexão que ia além de qualquer sentimento, uma intimidade que parecia vir de outras vidas.

Sorrindo, Ana se levantou empolgada, como uma criança que abriu o presente de natal e ganhou exatamente o que desejava. Desviou do sofá e agachou ao lado da mala. Petrus também se levantou, mas preferiu esperar. Ficou olhando-a de longe, encostado no braço do sofá.

Ana retirava objeto por objeto. Alguns a faziam corar, outros desencadeavam uma crise de riso.

Petrus deveria se sentir mal por sua família interferir dessa maneira, mas na verdade, se sentia agradecido. Se não fosse a aposta com Apolo, não estaria ali com Ana. E se não fossem os vinhos, talvez não tivesse tido coragem para falar de seus sentimentos.

— Ca-ra-lho! — O tom espantado de Ana fez Petrus voltar a sua atenção para ela.

O quarto estava parcialmente escuro. A única luz vinha dos lampiões a gás que ficavam dispostos em locais estratégicos. Um deles estava em cima do criado mudo, ao lado de onde Ana estava, e somente por isso Petrus conseguiu notar as bochechas avermelhadas.

Ana olhava para todos os lugares, exceto para a pequena peça de renda em sua mão, ou para Petrus, o que fez a situação ficar ainda mais divertida.

Petrus caminhou até ela e agachou ao seu lado. Passou o dedo indicador por seu ombro e subiu pela lateral do pescoço, fazendo-a se encolher de prazer. Colocou um pouco mais de força no movimento e empinou o queixo de Ana, virando o rosto em sua direção. Quando seus olhos se encontraram, uma familiar eletricidade percorreu o seu corpo inteiro, deixando-o sem fôlego.

Ana sentia suas pernas formigarem pelo esforço de ficar naquela posição, mas não conseguia desconectar o seu olhar do de Petrus. Sua

respiração ficou acelerada e uma onda quente varreu o seu corpo, concentrando-se no baixo ventre.

Petrus inclinou-se e colou seus lábios gentilmente. Lambeu-os, abrindo passagem para explorar o seu paraíso particular. Beijou-a com vigor. Embrenhou seus dedos pelos cabelos compridos, puxando-os para controlar os movimentos de Ana.

Com a calcinha ainda em mãos, Ana fechou seus dedos ao redor dos braços de Petrus, mantendo-se segura. Sua pele ardia pelo roçar da barba e a maneira como era beijada a fazia querer muito mais.

Sugou o lábio inferior de Petrus, fazendo-o gemer e, com isso, sentiu-se poderosa. Adorava saber que causava certas reações a ele. Notou que o beijo ia diminuindo a intensidade, até que Petrus depositou um selinho nos lábios inchados. Suas respirações estavam ofegantes e nenhum dos dois queria se afastar.

Ana já não sentia firmeza em suas pernas e preferiu se sentar sobre os calcanhares. Petrus se acalmou e pigarreou. Os lábios de Ana eram macios e saborosos, tinham sabor de paraíso e a forma como ela retribuía o deixava ensandecido. Voltou a olhar para o tecido preto que sobressaía entre os dedos longos e mordeu o interior de sua bochecha para não rir.

A calcinha era bem pequena e parecia ser o tamanho exato de Ana. Revirou o conteúdo da mala até encontrar o sutiã que fazia par com a peça e, imitando a pose de Ana, encarou-a com o desafio em seus olhos.

Ana estava morta de vergonha e agradecia às várias garrafas de vinho por sua coragem.

Durante as últimas semanas, fez uma visita à vovó Lis e ela questionou Ana sobre várias coisas. Uma delas foi o seu manequim. Mas jamais pensou

que a velha senhora seria tão ousada.

Petrus deu um sorriso safado ao imaginá-la com tão pouca roupa e Ana apressou-se em pegar as peças íntimas de sua mão.

— Você vai vestir isso? — indagou com evidente expectativa.

— Por que você não vai reacender o fogo, *hein*?

Petrus coçou a barba em seu queixo e abriu um sorriso cheio de esperança. Ana ficou hipnotizada, encarando-o com ar abobalhado. A ruguinha no canto dos olhos e a covinha no lado na bochecha eram os detalhes que ela mais amava.

Com os olhos transbordando luxúria, Petrus deu um último beijo em seus lábios e se levantou. Não precisava que ela vestisse uma lingerie para se excitar ainda mais, entretanto seria épico ver as curvas delicadas enroladas em tão pouca renda.

— Você vai vestir, não é? — insistiu.

— A não ser que você me queira nua... — murmurou.

Satisfeito com a resposta, Petrus depositou um beijo no topo de sua cabeça e seguiu em direção a lareira.

Ana respirou fundo tentando acalmar o coração. Estava excitada somente com a ideia de ficar nua na frente de Petrus, e isso era vergonhoso. Precisava se acalmar, ou tudo aconteceria rápido demais.

Levantou-se pronta para desfilar no frio da serra somente de lingerie, mas Ana não pensava pequeno. Se era para ser safada, ela daria um espetáculo.

Despiu-se devagar. Peça após peça caía no chão ao lado da cama e, com

elas, qualquer vergonha que existia. O ar gelado beijava a sua pele, deixando-a arrepiada, porém nada era suficiente para acalmar o desejo abrasador que fazia o seu corpo arder.

Petrus ficou mais confortável por ter outra coisa com o que ocupar a mente, que não fosse o fato de Ana estar trocando de roupa a menos de dez passos de onde ele estava. Colocou todo o seu foco na lenha.

Apesar de toda a tecnologia, Petrus não abria mão do trabalho manual. Foi escoteiro durante toda a sua infância e adorava os acampamentos de verão. Além disso, como médico, achava que deveria saber o mínimo para sobreviver em casos extremos.

O fogo começou a se espalhar e a reaquecer o ambiente enquanto Petrus estava distraído com o atizador.

Ana recostou-se na cama, nua em pelo, e ficou olhando os movimentos dos ombros e costas de Petrus. Seus pés criaram vida própria e, passo após passo, caminhou até o sofá. Apoiou uma de suas mãos no encosto mais alto e tentou imitar uma pose que julgava ser natural e sexy, porém Petrus continuava concentrado no fogo à sua frente e sequer a notou ali.

Frustrada, pigarreou alto. O médico estava de cócoras e, com o susto, caiu de bunda no chão pouco antes de virar a cabeça já pronto para repreender Ana pelo susto. Estagnou ao se deparar com a imagem à sua frente.

Petrus sentiu os seus lábios secos e sua garganta queimar. Ficou tonto diante de tamanha perfeição. Seus olhos varriam o corpo delicado de Ana, de cima à baixo, sem se importar em disfarçar.

Ana quis gargalhar com a reação desastrada dele, mas percebeu as chamas ardendo por trás da íris acinzentada e, na mesma hora, seu corpo

reagiu. Aquele olhar queimava a sua pele e um forte arrepio atravessou toda a extensão de seu corpo, deixando seus pelos arrepiados. Ana, então, tomou a iniciativa.

Ana era maravilhosa. Deliciosa! Petrus respirou fundo tentando acalmar as batidas desenfreadas de seu coração. Queria possuí-la por inteira, de mil maneiras diferentes.

Ana caminhou o mais sensual que conseguiu até onde seu amado estava. Ele ainda a olhava como se ela fosse a mais bela de todas as mulheres e isso a fez se sentir especial, poderosa e muito adorada. Parou em sua frente, sentindo o ar quente da lareira contra a sua pele. Apoiou as mãos nos ombros dele, acariciando-os, e se sentou bem devagar em seu colo.

— Essa noite eu vou te fazer meu. E eu, serei completamente sua — sussurrou .

Sete

As palavras flutuaram dos lábios de Ana e penetraram fundo no coração de Petrus. Ele fechou os olhos e sorriu. Passou os braços ao redor da cintura de Ana e a puxou para colar seus corpos ainda mais. Buscou na maciez de suas curvas o contato que precisava para ter certeza que aquele não era mais um sonho. Que era real.

Esfregou o nariz pelo pescoço de Ana e aspirou o cheiro único dela antes de arranhar a sua pele com os dentes. Ana gemeu, e foi a perdição de Petrus. Girou-os, colocando Ana com as costas no chão.

— Eu já sou seu, amor — falou olhando nos olhos de Ana. — Desde a primeira vez que te vi.

Ao ouvir aquelas palavras, os olhos de Ana marejaram e seu coração lembrava as asas de um beija-flor. Ele estava entre as suas pernas e ela notou a força de seu desejo. Sentiu-se poderosa por despertar nele tal reação. Sua respiração ficou ofegante com a expectativa do que estava para acontecer.

Petrus se questionava como Ana cogitou não ser o seu tipo. Ela era linda. A mulher mais bonita que ele já teve o prazer de ver. Seu corpo era pequeno e proporcional. Não era curvilínea, mas tinha o corpo bastante feminino e delicado. E quando estava por cima dela, percebeu o quão bem seus corpos se encaixavam.

A pele imaculada e torneada completamente exposta quase o fazia babar. Como médico, usou o seu olhar clínico para gravar cada mínimo detalhe de Ana. Aproximou seu rosto do dela, acariciando sua bochecha com o nariz. E antes que o desejo assumisse o controle, beijou-a com todo o seu amor.

O corpo de Ana ardia, ansiando pelo toque quente de Petrus. Tentou se mexer, mas ele a segurava com firmeza, até que se levantou rapidamente e estendeu a mão. Ana aceitou sem pestanejar e, antes que percebesse, Petrus a pegou no colo e a levou até a cama de casal.

O olhar de Petrus passeava por todo o seu corpo, uma e outra vez. Sentir aquele olhar funcionava como uma preliminar. Era afrodisíaco e estimulante. Ana sentia como se fosse uma mão bem leve acariciando-a. Ajoelhou-se na cama e, de maneira bem sensual, soltou o coque que prendia seus longos fios castanhos.

Pela primeira vez em sua vida, Ana sentia-se desejada e sexy. Mesmo com a distância entre os seus corpos, conseguia captar o calor que vinha de Petrus. Um sorriso fugaz surgiu em seus lábios ao vê-lo retirar a blusa de forma desajeitada.

O corpo de Petrus pinicava com o desejo acumulado de anos. Fogo líquido percorria suas veias, aquecendo-o por inteiro. Puxou a calça com presteza e a chutou para um canto qualquer do quarto.

Ana notou seu ventre se contrair ao ver a mostra rígida do prazer de Petrus através da cueca box preta. Pensou em como seria prazeroso se aproveitar do corpo dele. Suas mãos coçavam para tocá-lo, mas ela se segurou e somente o observou por um tempo.

Petrus ficou um pouco acanhado com o olhar de Ana, mas se manteve

firme. Queria que ela conhecesse o seu corpo, assim como desejava conhecer o dela. Explorar era o seu novo verbo favorito. Tragou saliva e percebeu que aquela era a sua vez de dar um passo.

Ajoelhou-se, espelhando a posição de Ana, e a segurou pela nuca, puxando-a para um beijo cheio de desejo. A mão de Ana subiu até a sua nuca e acariciou sua pele morna. Petrus desceu uma de suas mãos até a cintura de Ana, fazendo pressão para que ela se levantasse um pouco, e logo tocou a bunda redonda, deixando um aperto vigoroso ali.

Quis ser complacente, mas tudo foi por água abaixo quando as unhas de Ana raspavam em seu peitoral, descendo lentamente por seu abdome.

Os lábios de Petrus eram macios e tinham gosto de pecado. Ana sugava, mordida e chupava, como se estivesse provando o mais delicioso dos sabores. Queria prová-lo por inteiro, sentir o gosto de cada parte do seu corpo.

Nem em seus sonhos Petrus imaginou um encaixe tão perfeito entre os dois. A fome que nutria por Ana, equivalia aos cinco anos que permaneceu em jejum. Queria ir devagar, fazer daquela experiência algo único e inesquecível para ambos. Mas a forma como os dedos dela roçavam em sua pele o estavam levando à loucura.

Ana desceu a mão entre os seus corpos, pouco a pouco, aproveitando o máximo de contato. Ao chegar ao destino, parou e não hesitou, acariciou o membro longo e rijo de Petrus por cima do tecido de algodão. Um som rouco interrompeu o beijo feroz e Petrus sorriu maliciosamente.

Os movimentos de Ana eram lentos e ela o sentia enrijecer cada vez mais sob o calor de sua palma. Seus olhares estavam presos e suas respirações mais rápidas. As mãos de Petrus estavam no quadril de Ana, e a

força com a qual apertava-o demonstrava que estava beirando o descontrole. E era essa a intenção de Ana.

Petrus não conseguia pensar em mais nada, somente sentia. Fechou os olhos e respirou fundo, tentando aplacar a vontade de jogá-la na cama e possuí-la como um animal. Antes que perdesse o controle, empurrou-a contra a cama e enlaçou os seus corpos.

Ana suspirou. O corpo de Petrus era pesado e quente. Abraçou-o com os braços e pernas e sorriu. Em seus olhos, uma mescla de carinho e tesão sobressaía. Por anos Ana desejou que ele a olhasse daquela forma, e tê-lo em seus braços fez seu peito quase explodir de orgulho e amor. Subiu as mãos até os cabelos curtos e o puxou para mais um beijo.

Não havia sensação melhor no mundo que a de sentir pele contra pele. Ana rebolava, friccionando o seu ponto sensível contra a dureza de Petrus, buscando por qualquer mínimo alívio.

Petrus tentava manter-se são, para que pudesse dar a Ana o prazer que lhe era devido. Afastou um pouco os seus corpos, criando um espaço razoável para que pudesse explorar toda a extensão de pele exposta.

Chupou a carne do pescoço para depois lambe e assoprar, e durante todo esse ritual, sua barba roçava na pele já sensível, fazendo Ana se contorcer e gemer. Desceu em direção aos seios empinados e observou atentamente a cada expressão e som que Ana fazia.

Beijou os mamilos entumecidos e os chupou, um de cada vez, testando a pressão exercida em cada movimento, até que Ana já não mais aguentava e o puxava ainda mais para si, como se quisesse que seus corpos se fundissem.

Em um estado insano, Ana desceu uma de suas mãos por entre os seus corpos e alcançou o elástico da cueca. Petrus percebeu qual era a intenção de

sua amada e gemeu. Tê-la tocando-o seria como ir ao céu. A ponta de seus dedos tocou no membro pulsante, fazendo com que ele despertasse de seu torpor. Petrus pegou a mão de Ana e distribuiu beijos pelos nós dos dedos, para logo depois erguer ambos os seus braços acima de sua cabeça, segurando-os firmemente.

— Se você me tocar desse jeito, eu não vou durar muito — assumiu sem constrangimento.

Ana o olhava por entre os cílios com o olhar desafiante que dizia a Petrus que ela seria a sua perdição.

— Então me toque você — pediu.

— Você quer que eu te toque? — Ana acenou com a cabeça, ainda o olhando de maneira safada. — Aonde você quer ser tocada? — Roçou a barba pelo pescoço dela e foi descendo pelo vale entre os seus seios. — Aqui? — chupou um dos mamilos rosados. — Ou aqui?

A pele de Ana pinicava onde a barba roçava, causando leves arrepios por seu corpo. A língua quente circulava o mamilo de forma perfeita e ele sabia como usar aqueles dentes brancos e perfeitos como um expert.

— Petrus...

— Eu preciso saber, amor — falou com a voz rouca.

— Eu preciso... que você me toque... lá — implorou.

Vestindo o seu melhor sorriso safado, Petrus soltou as mãos dela e continuou sua exploração decrescente. Ana achou que fosse explodir com tamanha expectativa, a umidade entre suas pernas ficava cada vez maior e a necessidade de ter os pedidos de seu corpo atendidos era quase vital.

Petrus circulou o umbigo com a língua e depois a mergulhou no

pequeno buraco, arrancando um suspiro de deleite de sua amada. Ao chegar no quadril, seguiu para a direita. Distribuiu beijos pela bacia e virilha, aspirando o cheiro de sua excitação.

Enfim chegou à parte interna de suas coxas. Suas mãos acariciavam a pele macia de cima para baixo, enviando ‘choquinhos’ por todo o corpo de Ana. Os lábios molhados resvalavam a pele, causando uma espiral de prazer. A imagem dos olhos cintilantes no vão entre as suas pernas foi o suficiente para quase levá-la ao orgasmo. Tentou manter os olhos abertos. Queria mostrar a ele o quanto o amava. Precisava ter a certeza que aquele não era mais um sonho erótico com o amor da sua vida. Entretanto, ao sentir o hálito quente assoprar contra a umidade do seu desejo, o prazer foi grande demais para aguentar.

Petrus usou a ponta da língua para fazer um pouco de pressão no clitóris de Ana e isso foi o suficiente para que ela se descontrolasse. Seus dedos enroscaram no cabelo loiro e as unhas arranhavam o seu couro cabeludo. Petrus usou um pouco de força e segurou seus pulsos, aprisionando-os ao lado de seu corpo.

Ao olhar para cima, teve uma visão privilegiada. Os seios arrebitados estavam avermelhados e conforme Ana se retorcia e erguia as costas da cama, eles ficavam mais à mostra. Se Petrus tivesse lápis e papel, com certeza a desenharia daquela forma.

Querendo mais do seu mel, Petrus soltou-lhe os pulsos e usou as suas mãos para erguer o quadril. Ana foi invadida por milhares de sensações ao mesmo tempo. Naquele instante, paraíso e inferno estavam separados apenas por uma linha tênue. Seu corpo inteiro queimava ao toque de Petrus e ele a estava levando ao precipício da loucura.

Ana tinha um gosto maravilhoso e único, Petrus saboreou-a com gosto.

O prazer dela, era o seu. Seu pênis pulsava em agonia dentro da cueca e, para aliviar um pouco o incômodo, levou uma de suas mãos até lá e o libertou. A sensação de alívio só não foi melhor do que a sensação de se tocar. Acariciou-o lentamente, enquanto deixava Ana cada vez mais ensandecida. Ela gemia alto e ele notou o aumento na lubrificação, o que era um claro sinal de que Ana estava próxima de alcançar o seu pico de prazer.

Sua boca entreaberta, os seus olhos fechados com força e seu cabelo bagunçado espalhado pelo colchão, além de sua testa franzida, faziam daquela cena a mais bela que Petrus já viu na vida. A mais sexy, também.

Queria mais de Ana e, por isso, deixou o seu prazer de lado mais uma vez e inseriu um dedo dentro dela. Moveu-o em um ritmo cadenciado, um vai e vem lento, enquanto usava toda a agilidade na língua e a pressão certa enquanto chupava o clitóris.

Todos os músculos do corpo de Ana tremiam. A língua de Petrus não parava, empurrando-a cada vez mais para a borda. O dedo longo atingia um ponto que jamais fora tocado, que a fazia gemer cada vez mais alto.

Ana já não conseguia pensar com facilidade e apertou ainda mais os olhos, entregando-se às sensações que a invadiam como um tsunami. Era como se seu ventre fosse o universo, e o prazer estivesse prestes a explodir dentro dela, como um *big bang*.

Ana murmurava palavras soltas e sem nexo, implorava por mais e rebojava descontroladamente, empurrando o seu corpo contra o rosto de Petrus. A sensação era indescritível, como se uma tormenta se formasse dentro dela. Em um instante tudo estava agitado, revoltado, e no outro somente a leveza e a sensação de que seu corpo estava flutuando.

Ana já havia tido orgasmos enquanto se tocava vez ou outra, mas

aquela sensação de estar fora do corpo era completamente nova para ela. Mais forte, mais real. Sentiu seu corpo se partindo em milhões de pedaços, somente para se juntar novamente, enquanto a sua mente lutava para se reconectar.

*“Essa menina é um desenho do céu
Que Deus pintou e jogou fora o pincel”.
Dona Maria – Thiago Brava e Jorge”*

Oito

Petrus continuou sorvendo todo o prazer de Ana, cada expressão de prazer, cada gemido e cada espasmo de seu corpo, até que ela se acalmou. A satisfação refletida no rosto dela o encheu de orgulho.

A respiração de Ana estava quase controlada quando notou a distração de seu amante. Em um movimento ligeiro, o empurrou de costas na cama e rolou por cima dele. Desejou que ele carregasse no rosto a mesma expressão satisfeita que ela mesma carregava.

Ana usou e abusou do corpo de Petrus. Mordeu o seu queixo, lambeu seu tronco e arranhou seus músculos, fazendo-o se remexer. Sua língua deslizava por toda a pele sensível, atijando-o, levando Petrus ao limite uma e outra vez.

Desesperado, Petrus se segurava ao máximo para não a virar na cama e penetrá-la. Aguentou firme a tortura de Ana até o momento em que ela jogou o cabelo para o lado e lançou um sorriso enviesado. Seus olhos brilhavam com lascívia e paixão.

Nu, o albino era ainda mais majestoso. Ana acariciou as coxas definidas e notou os pelos ouriçados.

Tocou a ereção de Petrus com calma, como se estivesse reconhecendo e analisando cada milímetro de pele. Aproximou-se e lambeu a gota

transparente que escapuliu pela fenda da cabeça rosada. Ana sentiu um forte aperto em seu ventre quando o gosto almíscar explodiu em sua boca.

Intercalando lambidas leves e chupadas mais fortes, Ana deixava Petrus enlouquecido. Levou-o mais fundo em sua garganta, ao mesmo tempo em que massageava as bolas com as mãos. Petrus tinha os músculos tensos, sabia que tinha que pará-la antes que fizesse uma sujeira sem igual. Suas mãos apertavam, com cada vez mais força, a colcha; seu corpo transpirava devido ao esforço que fazia para retardar o seu ápice.

Ana sentiu uma mão grande se fechar em seus cabelos e puxá-la, jogando-a na cama com certa violência. A língua de Petrus invadiu a sua boca com desespero e ele começou a movimentar o seu quadril contra o dela. Seu pênis pressionava o clitóris dela, fazendo-a estremecer de prazer. Sua excitação se espalhava pelo membro dele, deixando-o bem lubrificado.

O subconsciente médico de Petrus apitou, fazendo-o lembrar do preservativo, mas ele preferiu ignorar o anúncio. Ali ele não era médico, era um homem apaixonado e com tanto tesão que não cogitava parar para analisar as consequências de suas atitudes imprudentes. Ansiava ter Ana por inteira, marcá-la como sua no melhor estilo homem das cavernas.

Pele contra pele, em um atrito insano, da forma mais íntima.

— Ana... — gemeu.

Ana já não aguentava mais, precisava ter ele dentro de si. Rebolou e encaixou a glândula rosada em sua entrada, passou as pernas prendendo-as ao redor do quadril de Petrus e o puxou para o seu interior. Com o contato, ambos geraram satisfeitos.

Petrus abriu ainda mais as pernas de Ana, desenroscando-as de si, fazendo-a ficar à mostra para ele. Em algum lugar de sua mente, aquilo tudo

ainda parecia um sonho desses que você acorda sorrindo. Ana era a mulher de sua vida, alguém com quem ele poderia trocar juras de amor eterno enquanto venerava o seu corpo por toda a noite.

Ana sentia-o cada vez mais fundo dentro de si. A sensação de completude esmagava o seu coração. Anos reprimindo um sentimento que, enfim, havia se libertado. Seu corpo parecia incinerar a cada toque de Petrus. Seus seios roçavam no peitoral dele, os pelos fazendo a fricção perfeita em cada movimento, deixando-a ainda mais excitada.

Petrus podia senti-la cada vez mais úmida e ele queria ainda mais, ir mais fundo. Em um rompante, saiu de dentro dela, mas antes que Ana pudesse protestar, segurou-a pela coxa e a girou bruscamente. Ana ofegou com o gesto bruto.

Ele a penetrou com urgência. Suas estocadas eram firmes e profundas. Fortes e ritmadas. Petrus se controlava o máximo que conseguia, desejando levar Ana ao ápice mais uma vez.

Recordou-se que Ana comentou que jamais um homem a levou ao orgasmo com a penetração e tomou para si aquela missão. Deu o seu melhor em busca de ser o seu primeiro.

Enrolou os longos cabelos em sua mão e os puxou, com a outra, segurou-a pela cintura e colocou mais força em seus movimentos, deixando-os mais violentos e rápidos. Ana tremia a cada investida. Estava mais perto de gozar e queria que Petrus experimentasse da mesma sensação.

Ana deixou que Petrus assumisse completamente o controle e fechou os olhos, absorvendo todas as sensações que a invadiam sempre que ele entrava e saía dela.

Petrus sentiu as paredes de Ana contraindo-se ao redor de seu membro.

Ana estava com a bochecha apoiada no colchão, os olhos fechados e mordida o lábio inferior. A visão do prazer refletido na expressão dela, despertava o lado mais selvagem de Petrus.

Ao abrir as pestanas, Ana encontrou os olhos felinos a encarando. Com um sorriso de lado, ela começou a usar o pompoarismo para estimular Petrus. Ela relaxava o músculo quando o seu membro a invadia e contraía antes que ele saísse.

Os gemidos se misturavam ao barulho de seus corpos se chocando um contra o outro. O estalo da cama de madeira que batia contra a parede funcionava como combustível para alimentar o fogo que os consumia.

Quando Ana já não conseguia mais controlar as contrações vaginais e tudo dentro dela se contorceu, o seu corpo foi inteiramente consumido por pequenos choques. Ergueu-se sobre os seus braços e se jogou para trás. Petrus soltou o seu cabelo e a segurou pelo pescoço, puxando-a para um beijo.

Foram necessárias apenas mais algumas investidas para que ambos alcançassem o clímax. Ana jogou a cabeça para trás e Petrus enterrou seu rosto na curva do pescoço dela. Os gemidos de Ana saíram baixos e longos enquanto os urros de prazer de Petrus eram abafados.

Os corpos caíram exaustos no colchão. Ana estava completamente anestesiada e um sorriso satisfeito dançava em seus lábios. Não queria que Petrus levantasse, gostava de ter o peso dele sobre si.

Petrus tentava controlar a respiração e distribuía leves beijos pela extensão do pescoço e ombros de Ana. Não soube precisar quanto tempo ficaram naquela posição e foi somente quando as respirações normalizaram que Petrus rolou para o lado e puxou Ana para os seus braços.

Com um sorriso radiante no rosto, Petrus a olhava cheio de amor e devoção. Virou-se de lado e ficou de frente para Ana. Estava cansado e – momentaneamente – saciado, mas ainda queria mais. Queria dormir com ela em seus braços, acordar ao seu lado e compartilhar toda a intimidade que um casal poderia ter.

Acariciou os cabelos úmidos de suor. Não precisavam dizer nada um para o outro. Tudo o que queriam demonstrar cabia em seus olhares. Depositou um beijo carinhoso na testa dela e se levantou.

Um arrepio percorreu o corpo de Ana quando o ar frio tocou o seu corpo. Ajeitou-se em uma posição mais confortável e acompanhou com os olhos enquanto Petrus ia até a lareira alimentar o fogo para que não apagassem. Deliciou-se com a imagem do seu corpo bem esculpido e nu. Petrus era todo na medida certa.

Petrus conhecia Ana muito bem e sabia que ela sofria com a baixa temperatura. Depois de colocar algumas lenhas na lareira, olhou ao redor e analisou melhor o espaço entre o sofá e o fogo. Uma ideia surgiu em sua mente e o fez sorrir.

Ana se apoiou em seus braços ao ver Petrus caminhar até a mala e remexer nas coisas dentro dela, como se buscasse alguma coisa.

Petrus achou algumas coisas muito interessantes na pequena mala. Sua família se superou com aquela invenção e ele estava mais que agradecido por tudo, ainda assim, teria uma conversinha com eles ao retornar à cidade. Gostaria de saber como se inteiraram a respeito de detalhes tão íntimos de sua mulher.

Sua mulher.

Aquelas duas palavras soaram como a mais bela sinfonia.

Não achou o que queria e caminhou até sua mochila. Enfiou a mão e encostou em um pacote de plástico e, na mesma hora, lembrou-se da camisinha. Fez uma nota mental de conversar com Ana a respeito disso mais tarde e pegou a primeira blusa que encontrou, além de uma cueca confortável. Pensou que teriam mais mantas de retalhos na mala, mas teria que se contentar com apenas uma.

Ana estava curiosa para saber o que ele estava fazendo. Viu-o arrumar as enormes almofadas em cima do tapete felpudo, próximo à lareira, e colocar a manta de retalhos coloridos próxima a eles.

Petrus estendeu a camisa na direção de Ana, deixando nítida a sua intenção. Ana, por sua vez, ficou insegura. Ele a queria vestida e isso não era algo bom. Ou era? Nos livros que costumava ler, os mocinhos sempre queriam que suas mulheres permanecessem nuas em seus braços. Respirou fundo e agarrou a camiseta. Continuou sentada observando Petrus levar os travesseiros da cama para próximo da lareira.

Atrevida, Ana deixou a camisa em cima da cama e foi em direção a Petrus. Ele a olhou e balançou a cabeça em negativa, porém o sorriso maroto em seu rosto mostrava o quanto estava satisfeito com a atitude tomada por Ana, o que a deixou bem mais segura.

Assim como sua amada, Petrus deixou a cueca de lado e a viu sorrir. Petrus diminuiu a distância entre eles até colar seus corpos.

— Eu amo você — disse com a voz embargada de emoção.

— Eu também amo você, Pê.

O coração de Petrus palpitava no peito com a enormidade daquele momento. Ambos, despidos não só de roupas, mas de barreiras, revelando os seus sentimentos e compartilhando um momento que era somente deles.

Ele a deitou no tapete, em cima das várias almofadas, deixando-a bem confortável. O beijo doce foi ficando cada vez mais ardente, deixando a respiração de ambos alterada. A pele de Ana estava sensível ao menor toque e o atrito de seu corpo com o tapete e a pele de Petrus foi o suficiente para reacender o seu fogo.

Petrus foi mais lento e carinhoso do que na primeira vez. Venerou cada pedacinho de sua amada e a levou direto para o paraíso. Fizeram amor no tapete felpudo em frente à lareira, uma e outra vez, até que não restasse mais nenhum fogo que não o deles.

Os primeiros raios de sol invadiram o quarto e bateram no rosto de Ana quando, enfim, Petrus e ela alcançaram o limite máximo do prazer. Seus corpos estavam moles e esgotados, e ficaram na mesma posição.

Os olhos de Petrus estavam fechados e em seu rosto havia um enorme sorriso satisfeito. Ana fechou os olhos e o abraçou, querendo permanecer assim para sempre.

— Isso quer dizer que estamos juntos? — indagou, exausto.

— Isso quer dizer que eu sou sua, Petrus. Para sempre.

E com um sorriso idiota no rosto, Ana permitiu-se ser tragada pela névoa do sono.

Petrus flutuava após ouvir aquela afirmação. Saiu de cima de Ana com cuidado e puxou a manta de retalhos para cobri-los. Puxou-a para os seus braços e fez uma oração agradecendo ao Universo por ter-lhes permitido vivenciar aquele momento.

Tudo entre eles aconteceu no tempo certo e estar nos braços de quem se ama, sabendo que o sentimento é recíproco, era algo surreal.

Enfiou o rosto na curva do pescoço dela e sorveu o perfume que tanto amava misturado com suor e o cheiro de sexo. Sorriu, tendo a sensação de estar em casa. Com as imagens ainda frescas em sua mente, Petrus reviveu todos os momentos desde que entraram no carro para chegar ali, até que começou a flutuar entre o reino dos sonhos e a realidade.

Sonhou com uma menininha de cabelos escuros e olhos cor de jabuticaba. Tinha o sorriso doce e uma covinha na bochecha. Chamou-o de papai e correu na direção contrária à sua. A gargalhada infantil era contagiante.

Uma sensação forte de premonição o acometeu e, antes que tudo ficasse escuro e ele fosse tragado pelo cansaço, ouviu a voz infantil falar “até breve”.

O Pedido

Petrus apoiou a testa no volante e respirou fundo. Estava exausto, e ainda tinha gente que dizia que o horário de verão alongava o dia. Bando de loucos!

Olhou para o relógio no painel mais uma vez e bufou, frustrado. Ainda tinha tanta coisa para organizar e o tempo não parecia ser suficiente.

Surpresas românticas eram a especialidade de Apolo, não dele. E mesmo assim, ali estava, no meio do nada, limpando e organizando a velha cabana de caça. Deixando-a aconchegante e romântica para a noite em que, verdadeiramente, enlaçaria a sua vida na de sua amada.

Tudo para Ana.

Tudo por Ana.

Lúcios tinha muitos investimentos e um dos seus preferidos eram os imóveis. O patriarca adorava ir à leilões comprar imóveis por valores mínimos e reformá-los. Alguns ele vendia, outros, como a cabana de caça, permaneciam em seu nome.

Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, foi o lugar onde tudo começou. Na época Lúcios ainda não tinha nenhum investimento na cidade. Mas depois de ouvir Ana contanto sobre a paisagem local, se interessou e ficou apaixonado pela cidade quando a conheceu.

Lúcios reformou a cabana inteira. Por fora, continuava rústica, mas por dentro estava moderna e aconchegante. Faziam anos que ninguém ia até lá, então, quando a ideia de pedir Ana em casamento surgiu, Petrus simplesmente usou dessa desculpa para levar sua namorada até lá sem que ela desconfiasse de nada.

João, o caseiro que ficou muito amigo de sua família, estava gripado e sua esposa, Janaína, ajudou Petrus com todos os preparativos. Enquanto um capinava o quintal, o outro lavou o banheiro e deixou a cozinha brilhando.

Pegou a sua mala de mão e levou-a até o único quarto do casebre. A cama de casal estava arrumada da forma como ele imaginou, os lençóis negros sobressaíam no ambiente claro com luz natural. Pegou os sacos com as pétalas frescas de rosa branca e espalhou algumas pelo lençol.

Colocou alguns potinhos de vidro com velas aromatizadas espelhadas estrategicamente sobre a cabeceira e alguns nos criados mudos. Salpicou mais algumas pétalas pelo chão, traçando um caminho da cama até a porta dos fundos da cabana.

Colocou o espumante no freezer e verificou a temperatura ideal. Pressionou a alavanca da geladeira e verificou se havia gelo no suporte. O cheiro do escondidinho de carne moída estava divino e a mesa, perfeitamente organizada. A louça brilhava como cristal, assim como os talheres pareciam espelhos de tão bem polidos.

Depois de tomar um longo e relaxante banho, Petrus achou que ficaria mais calmo, porém se enganou. Respirou fundo e contou até dez, antes de expirar calmamente. Pegou o celular e enviou uma mensagem de texto para Ana.

Conforme andava pelo caminho de pedras, a caixinha em seu bolso começou a pesar. Petrus pegou o único girassol e se sentou em um tronco na

beirada do lago para esperar por sua amada.

Ana e Petrus não pensaram em ir devagar. Não achavam ter perdido cinco anos de suas vidas juntos, mas a maturidade os ajudou a enxergar que esse tempo alimentando um sentimento ocluso foi essencial para que o relacionamento deles fosse tão saudável.

“Nós somos o resultado de nossas escolhas”, já dizia Lúcius. E, parando para pensar, valeu a pena esperar todo aquele tempo.

Ana era incrível. Conviver diariamente com ela era simples e fácil. Várias vezes Petrus se questionou o motivo pelo qual ainda não tinha colocado um anel em seu anelar, entretanto, mais uma vez, a espera era necessária.

Ao agendar as suas férias, Ana e ele pensaram em viajar, aproveitar os trinta dias juntos rodando o mundo, porém um problema com o setor de recursos humanos do hospital fez com que as férias de Ana saíssem alguns dias depois das de Petrus, cancelando os planos deles.

Era o momento perfeito.

Petrus comentou sobre a cabana com ela e Ana topou na hora. Em menos de dois dias ela já tinha o itinerário de trilhas e cachoeiras para explorarem nas cidades vizinhas.

Alegou que deveria ir na frente para preparar a casa, usando como desculpa a doença de João. O que não deixava de ser uma verdade.

Petrus olhou para a pequena canoa, completamente iluminada e ficou orgulhoso pelo resultado de seu trabalho. Apolo tinha razão, suas mulheres mereciam ser mimadas.

...

“Contando os minutos para te ver e matar essa saudade louca que me

consome.”

Ana releu a mensagem pela terceira vez e sorriu abobalhada. Aquele comportamento não era típico de Petrus. Mensagens melosas e com declarações de amor não soavam como ele. E, ainda assim, Ana gostou.

Sua vontade era a de responder que já estava chegando na cabana, mas a verdade era que estava no meio do nada e no escuro. Sequer sabia como o sinal de telefonia existia ali.

Ana assistiu a filmes de terror o suficiente para saber que parar no meio da estrada à noite nunca era uma boa opção. Por isso, preferiu seguir caminho e, com isso, não responder à mensagem.

Após alguns quilômetros, encontrou um belo portão de madeira aberto e entrou. Avistou o carro de Petrus no caminho da garagem e parou logo atrás dele. Estranhou o silêncio e, por isso, deixou as suas coisas dentro do carro e caminhou em direção à varanda.

Grudado na porta da frente na altura de seus olhos, um pequeno bilhete dobrado com seu nome escrito com a caligrafia desenhada de Petrus. Puxou-o e o abriu, curiosa.

“Encontre-me no lago atrás da casa.”

Ana levou a unha do polegar até a boca e mordeu algumas vezes. O Petrus romântico durou por uma única mensagem de texto. Respirou fundo e exalou o ar lentamente. Caminhou a passos largos pela varanda e deu a volta na casa.

Um caminho de pedras ladeado por algumas lamparinas a gás a levava diretamente para onde Petrus a aguardava. Ana admirou a noite serena e fresca daquele lugar. O silêncio a rodeava e ao olhar para o céu, viu como as estrelas brilhavam com mais intensidade.

Quando fez a curva para descer em direção ao lago, Ana ofegou. Estava em choque, paralisada. Era a vista mais bela que já havia admirado. Lágrimas nublaram a sua visão e ela precisou respirar fundo algumas vezes para acalmar o ritmo desenfreado do seu coração.

Deu alguns passos hesitantes em direção a Petrus. Ele estava de pé com as mãos segurando uma única flor amarela. Em seu rosto, um sorriso radiante iluminava a noite. Ao se aproximar, Ana notou que em sua testa havia uma pequena ruga de preocupação, talvez por esperar outra reação dela e isso a fez chorar ainda mais.

Ana não se esforçava para segurar as lágrimas que rolavam livremente por seu rosto. Parou a alguns passos de Petrus e se envolveu em seus próprios braços. Olhava dele para o lado, sem saber o que falar ou fazer. Ou como agir.

Petrus estava nervoso. Suas mãos suavam e tremiam. Não conseguia interpretar a reação de Ana e de todas as que ele imaginou, sem dúvidas, chorar não era uma delas.

Deu um passo para a frente, diminuindo a distância entre os dois e estendeu a flor na direção dela. Ana o olhou e depois para a flor. Girassol era a sua flor favorita e significava felicidade, tudo o que ela desejava na vida.

Ergueu a mão bem devagar, trêmula, e pegou no cabo da flor, levando-a ao nariz logo em seguida. Sorriu ao sentir o aroma da flor que tanto amava.

Petrus relaxou e deu mais dois passos, quase encostando os seus corpos um no outro. Ana olhou para cima vendo como a pele dele ficava ainda mais pálida com a luz da lua. Sem aguentar mais, pousou uma de suas nas costas de Petrus e o puxou para os seus braços, mergulhando o seu rosto no peitoral dele.

Sentiu os braços fortes rodearem a sua cintura e relaxou. Adorava sentir

a quentura do corpo dele, mesmo que por sobre a roupa. O cheiro amadeirado familiar, passava a sensação de calma que ela necessitava.

Esfregou o seu rosto, enxugando as lágrimas na camisa dele, para logo depois olhar para cima.

— O que é tudo isso? — questionou.

— Isso... — Girou o indicador mostrando todo o ambiente. — É a minha forma de dizer o quanto eu te amo, o quanto você é especial e importante para mim.

Ana amoleceu em seus braços. Aquele era o tipo de coisa que esperava de Apolo, jamais de Petrus. Suspirou e ficou na ponta dos pés e selou os seus lábios.

Petrus a puxou mais para si e a beijou com todo o seu amor. Colocou o seu coração e alma naquele ato, explorando a sua boca de forma lenta e instigante. Petrus prendeu o lábio inferior de Ana entre os seus dentes e o puxou ao mesmo tempo em que um suspiro escapou pelos lábios dela. Selou seus lábios e se afastou.

Pegou-a pela mão e entrelaçou os seus dedos. Puxou-a e caminharam juntos em direção à borda do lago.

Ao se aproximar da borda, Ana olhou para o chão e viu que Petrus estava descalço. Reparou, então, na roupa que ele usava. A bermuda cargo e a blusa básica eram peças usuais em seu guarda roupa.

Largou a sua mão fazendo-o parar bruscamente e se virar com uma interrogação nos olhos. Ana agachou e tirou o tênis e os carregou até o tronco onde Petrus estava sentado. Guardou-os e deixou a flor descansar por cima.

Subiu a bainha da calça branca até acima do tornozelo e voltou a segurar na mão de Petrus. Ele sorriu para ela com aprovação e seguiram

caminho em direção ao barquinho de madeira.

A canoa estava toda iluminada por fora e por dentro pétalas de rosa enfeitavam o chão. Nas duas pontas haviam buques de flores do campo bem amarrados. Petrus ajudou Ana a subir e empurrou um pouco o barco em direção à água e subiu logo depois.

O movimento que o barquinho fez assustou Ana e ela deu um gritinho que fez Petrus gargalhar. Estava sentada de frente para ele e olhava para todos os lados como se procurasse por algum indício do que o seu namorado estava aprontando. Enquanto isso, Petrus remava com fingida calma, guiando-os até o seu destino.

Ana mantinha-se em silêncio, com expectativa, e Petrus estranhou isso. Ela costumava ser muito comunicativa. Preferia pensar que ela estava surpresa e emocionada, e por isso mantinha-se quieta. Então seguiu o seu exemplo e deixou o diálogo para depois.

A travessia da lagoa foi rápida e Petrus repetiu o procedimento com o barco, mas dessa vez, carregou Ana nas costas até chegarem a um caminho de tijolos.

Ana riu ao lembrar-se de O Mágico de Oz e o caminho dourado. Petrus a puxou para si e a abraçou, com a ponta do indicador ergueu o seu queixo até que seus olhos estavam fixos nos dele. Acariciou a bochecha dela e em reflexo, Ana inclinou a cabeça, pressionando-a na palma da mão de Petrus.

Sem conseguir resistir, Petrus a beijou. A princípio o beijo era casto, somente um roçar de lábios, até que Ana enrolou seus braços em torno do pescoço dele e aprofundou o beijo.

A língua de Petrus pincelava a sua e o sabor de chiclete de canela em seus lábios era delicioso. Ana se entregou ao beijo com tudo de si. Chupou a língua dele e o ouviu gemer. Seu corpo inteiro vibrou, querendo fazê-lo

gemer mais uma vez.

Petrus desejava beijá-la para sempre, por toda a sua vida. E foi isso que o incentivou a se afastar. O olhar no rosto de Ana era confuso e isso o deixou apreensivo. Ele enlaçou sua cintura e deu mais um selinho em sua boca, enterrando a cabeça em seu pescoço logo depois.

Ana sentiu a respiração dele bater em sua pele e percebeu a tensão que vinha de seu corpo. Precisava entender o que estava acontecendo e quais eram os motivos de Petrus para levá-la até ali em pleno começo de férias.

Ela só queria chegar em casa, comer algo gostoso, tomar um bom vinho e fazer amor com ele até que o dia clareasse. Suspirou e se agarrou mais a ele, desejando que ele pudesse entender o seu cansaço.

— Eu entendo, amor. — Ana sentiu suas bochechas queimarem. Detestava quando os seus pensamentos saíam em voz alta. — Confia em mim. Vai valer a pena.

Ana acenou com a cabeça bastante ciente de que ele entenderia o seu gesto. A voz rouca dele a deixou arrepiada, mas o nervosismo era nítido em cada sílaba pronunciada.

Petrus passou o braço pelos ombros de Ana e percorreram juntos o curto caminho de tijolos. A iluminação era feita por uma corda com várias lâmpadas pequenas penduradas. As árvores eram bem podadas e a grama estava recém aparada. O cheiro de mata molhada a deixava inebriada.

Petrus parou na borda de uma clareira e Ana perdeu o fôlego com tudo o que viu.

— Petrus — suspirou.

Uma tenda estava montada bem no meio do espaço vazio. Nas laterais, luzes de pisca-pisca caíam como uma cascata, velas acesas traçavam um

caminho alternativo, levando-os até lá.

Ana deixou para trás um Petrus encantado e deu alguns passos vacilantes, estupefata. Seguiu pelo caminho de velas e olhou ao redor. Tudo parecia um sonho ou um conto de fadas. Perfeito!

Embaixo da tenda estava uma mesinha baixa com várias almofadas em volta. Uma bandeja com uma garrafa de vinho no suporte e duas taças estavam colocadas bem no centro. Ao redor, vários petiscos que Ana adorava como salaminhos e queijos.

Ana virou-se para encarar o namorado e precisou dar um passo para trás ao vê-lo ajoelhado segurando uma caixinha preta. Arfou ao mesmo tempo em que uma forte emoção a invadia. Seus olhos queimaram com as lágrimas e por fim ela entendeu o que estava acontecendo.

Petrus ficou dias pensando em como montar toda a estrutura que desejava e contou com a ajuda incansável de sua família para conseguir. Passou boa parte da manhã e da tarde com eles ali, ajustando cada mínimo detalhe, pensando em como ela reagiria.

Ensaçou milhões de discursos para convencê-la a aceitar o anel, mas vendo todas as emoções passando por seus olhos, se perdeu. As palavras ensaiadas voaram com o vento.

— Pê...

— Eu tenho tanta coisa para te falar. — Abaixou a cabeça e puxou um pouco de ar para se acalmar.

Ana esperou pacientemente. Aquele era o momento dele e ela não ousaria interromper. Ela sabia que ele, assim como ela, estava segurando o choro. Aproximou-se dele e tocou-lhe o rosto.

— Eu me lembro que quando cheguei naquele bar, não fazia ideia do

que esperar. A mais nova e complexada melhor amiga do meu irmão. E então eu te vi. Uma mulher linda e cheia de vida. Com um sorriso que iluminava tudo ao seu redor. E foi só olhar para você, uma única vez, que o meu mundo parou.

Petrus a ouviu soluçar e já não conseguia segurar as suas próprias lágrimas.

— Quando eu fiz aquela aposta com Apolo, eu jurei para mim mesmo que era somente para ajudar o meu irmão a dar um passo à frente com a garota que ele estava apaixonado. Mas a verdade é que eu torcia para ele ganhar a aposta, para que eu pudesse ter a desculpa perfeita para ter você.

— Oh, Petrus...

— E aí você simplesmente topou viajar comigo e eu só conseguia pensar em como ia ser difícil ficar perto de você. Foi uma verdadeira prova de fogo, e eu me deixei queimar, Ana.

Abriu a caixinha, revelando um par de alianças simples e bem polidas. Um anel era todo em ouro enquanto o outro tinha pedrinhas de diamante bem pequenas incrustadas seguindo uma linha fina.

— E eu não me importaria de queimar todos os dias, amor. Desde que você estivesse ao meu lado. — Petrus retirou a aliança mais delicada e estendeu na direção da sua namorada. Respirou fundo, tentando controlar a voz embargada.

Ana chorava copiosamente. Casar com direito a véu e grinalda nunca foi o seu sonho. Mas com Petrus ela o faria sem pestanejar. Quantas vezes ele quisesse.

— Você aceita ser minha? Para sempre?

Ana ajoelhou-se de frente para o homem que amava e enxugou as suas

lágrimas com as mãos. Sorriu, emocionada, e pegou a caixinha da mão dele e, depois de retirar a outra aliança, colocou-a no chão. Pegou a mão esquerda de Petrus e deslizou o anel pelo dedo anelar e o olhou nos olhos antes de dizer:

— Até o meu último suspiro, amor.

Petrus repetiu o gesto de sua amada e, com uma felicidade que não cabia no peito, falou.

— Até o meu último suspiro.

Com um beijo apaixonado, entrelaçaram as suas vidas de forma única, tendo as estrelas como testemunhas da enormidade dos seus sentimentos.

Epilogo

Petrus bocejou pelo que deveria ser a quinta vez em menos de meia hora. Estava exausto.

Subiu os três degraus de pedra que levavam para o hall de entrada do prédio em que morava e, depois de cumprimentar o porteiro, apertou o botão do elevador.

Quando se programou para ir no congresso, Ana foi a primeira a apoiá-lo e a incentivar a sua inscrição e comprometimento. Era inverno e Petrus queria que ela pudesse ter ido com ele para ver a neve de perto. Porém, o trabalho acumulado na ONG em que ajudava, a forçou a ficar em casa. Afinal, eram só dez dias.

Quem inventou a saudade não sabia o que era passar um dia longe do seu coração. Não tinha a mínima ideia de como era viver, sem respirar. Enxergar, sem ver. Porque era assim que Petrus se sentia longe de Ana. O seu mundo perdia a cor.

Naquela manhã, quando o seu telefone tocou, Petrus sabia quem era. Ao atender, a primeira coisa que notou foi a voz embargada de Ana. Ela disse que era para ele vir direto para casa porque precisavam conversar. E foi o que ele fez. Pegou o primeiro voo depois da última palestra do congresso e lá estava, esperando o elevador.

Seus músculos reclamavam pelo cansaço e a sua mente parecia pulsar

dentro do crânio, como se fosse explodir. Mas precisava aguentar firme. Entrou no elevador e recostou a cabeça na parede de metal, e fechou os olhos. Dez dias longe e a cada passo que dava para perto dela, seu coração acelerava ainda mais.

O barulho que as portas faziam ao se abrir o fez abrir os olhos. Petrus saiu para o corredor puxando a sua mala de rodinhas. Conforme andava, as luzes do corredor se acendiam, assim como as chamas de seu amor.

Ao chegar ao número mil, notou o silêncio e percebeu que nenhuma luz saía pela fresta de baixo da porta. Girou a chave com muito cuidado e abriu a porta devagar, evitando ao máximo fazer barulho. Guardou a mala ao lado do aparador da sala e retirou os sapatos.

Um barulho na cozinha o assustou e Petrus caminhou até lá, preocupado. Ao chegar, parou na soleira da porta e observou a cena que se desenrolava a sua frente.

Ana estava sentada na ilha da cozinha vestindo uma de suas camisas de algodão. As pernas torneadas balançavam, como as de uma criança que não alcança o chão. Em suas mãos havia uma fatia enorme de melancia e ela comia com gosto, cuspidos alguns caroços em um prato colocado estrategicamente ao seu lado. O suco vermelho escorria por sua boca e descia pelo pescoço, encharcando a blusa branca.

Ana estava com o headphone nos ouvidos e se remexia enquanto ouvia as músicas latinas que adorava. Estava tão distraída que quando abriu os olhos e encontrou Petrus a olhando embevecido, sua primeira reação foi largar a melancia em cima do prato de qualquer jeito e, de forma atrapalhada, correu até ele, se jogando em seus braços.

Petrus não pôde evitar sorrir ao vê-la tão saudosa. Seu coração batia tão forte que sua caixa torácica parecia querer romper. O cheiro familiar invadiu

suas narinas e preencheu os seus pulmões, e ele suspirou.

— Você voltou — sussurrou.

— O mais rápido que eu pude... — murmurou baixinho e segurou o rosto dela. — Eu estava com saudades.

Os olhos de Ana se encheram de lágrimas e um soluço baixo escapou de sua garganta. Petrus não se importou com as lágrimas ou com o melado de sua pele. Inclinou-se e beijou-a nos lábios.

A melhor sensação da vida era a de estar em casa. E era exatamente dessa forma que ele se sentia. O beijo era faminto e repleto de saudade. Petrus andou alguns passos até a ilha da cozinha e ergueu Ana para que ela se sentasse no mármore.

Petrus afastou seus lábios para recuperar o fôlego e fitou o rosto corado de sua esposa. Adorava o efeito que tinha sobre ela. Lambeu o seu queixo, limpando o suco seco da melancia. Desceu por todo o pescoço ao mesmo tempo em que as mãos, agitadas, erguiam a blusa.

Eles estavam juntos há cinco anos, e o desejo continuava o mesmo. Todas as vezes que olhava para ela, sentia as chamas da luxúria o consumindo. É claro que não era puramente tesão, existia muito mais. Ana era a dona dos seus olhos, dos seus pensamentos e a única que o fazia sentir especial.

Desceu os beijos até chegar aos seios dela e lambeu os mamilos rosados. Todos aqueles anos juntos o tornaram um perito sobre como Ana gostava das coisas. Na cama e fora dela. Por isso, quando chupou um mamilo e ela gritou, o afastando com as mãos, ficou parado como uma estátua, sem entender absolutamente nada.

— Desculpa. Eles estão sensíveis — falou desviando os olhos.

— Não está na época do seu período...

— E você está controlando o meu período? — interrompeu ela histérica.

Petrus ficou com as bochechas vermelhas e foi a sua vez de desviar os olhos. Ana bufou e cruzou os braços, se arrependendo logo depois.

— Eles não costumam ficar tão doloridos. Você já foi ao médico?

— Eu sou casada com um — falou revirando os olhos.

— Um oncologista, Ana. Não um mastologista. Ou ginecologista — retrucou.

Ana suspirou e desceu da bancada. Petrus ficou frustrado por ter estourado a bolha mágica em que estavam.

— Eu fui no hospital ontem — comentou naturalmente enquanto guardava a melancia na geladeira e colocava o prato na pia. — Era sobre isso que eu queria conversar com você.

— É algo sério? Por isso você estava chorando?

Petrus estava preocupado. Os seus instintos de médico estavam em alerta total. Tentou manter a sua expressão neutra, mas era a sua Ana que estava ali com o olhar vulnerável, e não um paciente.

— É sério. Muito sério. Mas não, eu não estou doente.

O coração de Petrus saltou uma batida ao mesmo tempo em que seus olhos se encheram de lágrimas. Ana caminhou para perto dele, nua como veio ao mundo.

— Você não reparou nada diferente em mim?

Sim, ele havia notado. Os seios maiores e que agora estavam tão sensíveis. As mudanças drásticas de humor. A falta de apetite, principalmente

de manhã. Como médico, era para essas informações serem suficientes para que ele listasse uma série de coisas, mas o nervosismo não o permitia pensar muito.

— Eu passei a quarta-feira inteira vomitando. Muito. A quinta-feira também.

Os olhos de Petrus ficaram maiores e as emoções que cruzavam as íris acinzentadas deixaram Ana emocionada. Viu o exato momento em que seus olhos se abaixaram, pousando no ventre ainda plano.

Petrus precisou se apoiar na bancada. A mulher que ele amava estava carregando um pedaço seu. Eles estavam gerando uma nova vida.

Caminhou em sua direção e falou com os olhos, aquilo que as palavras não eram capazes de expressar, enquanto de seus lábios saía simplesmente:

— Nós vamos ter um bebê, Petrus.

Ao falar aquelas palavras a realidade a abateu. Desde que desconfiou de sua situação, tentou ao máximo não pensar em como seria ser responsável por uma vida. Por toda a criação de um ser. Ao pegar o resultado do teste na emergência do hospital e constatar a gravidez, ela não conseguia articular as palavras.

Passou horas na banheira acariciando o ventre, pensando em como seria ter um menino serelepe espalhando brinquedos pela sala. Visualizou Petrus brincando com ele no quintal da casa do avô, onde todos os tios brincaram.

Chorou por horas antes de tomar coragem e ligar para o seu marido, pedindo para que voltasse. E não era daquele jeito que ela imaginava contar. Queria ter comprado um macaquinho de médico, encher o quarto de balões coloridos e segurar um par de sapatinhos vermelhos. Mas parada ali, vendo todas as emoções cruzarem o rosto de seu marido, não podia mais imaginar

como seria.

— Um pedaço meu e seu — falou.

Petrus beijou-a e, chorando, caiu de joelhos à frente de sua mulher. Abraçou-a e encostou o seu rosto na barriga dela. Esfregou o nariz e sorriu, lembrando-se do sonho que teve na primeira noite em que dormiram juntos.

A voz da menininha ainda era nítida em seus ouvidos e a gargalhada dela ainda o fazia sorrir. Beijou a barriga com todo o amor que tinha e sussurrou:

— Você vai ser a minha princesinha e eu prometo que vou te ensinar a se proteger de todos os monstros. Prometo que vou cuidar de você e te colocar para dormir com histórias de princesas.

As lágrimas escorriam pela face de Ana sem trégua. Petrus falava tão baixinho, como se estivesse contando um segredo para aquele ser que ainda era menor que um caroço de feijão.

— Eu prometo tomar chá com você e deixar você pintar as minhas unhas. Prometo te apoiar se não quiser fazer balé e te ensinar todas as travessuras que eu aprontava quando era pequeno.

Petrus respirou fundo e ergueu a cabeça. Seus olhos focaram em Ana, que sorria orgulhosa.

— Você sabe que pode ser um menino, não é?

— Eu tenho certeza de que vai ser uma menina — afirmou. — Porém, independente disso, eu prometo ser o melhor pai que eu puder.

— Eu vou te cobrar isso quando ela fizer o número dois. — Brincou, tentando descontrair.

Petrus riu e deu mais um beijo na barriga lisa. Ao ficar de pé, abraçou a sua esposa e a pegou no colo, levando-a para o quarto de casal. Tomaram

banho juntos e Petrus ficou longos minutos ensaboando o corpo de Ana. Beijou-a com vigor e lhe deu prazer com as mãos e a boca.

Na cama, depois de um banho relaxante, os olhos de Petrus ficaram pesados e ele logo caiu em um sono profundo. Ana, por sua vez, mesmo cansada não encontrava posição confortável para dormir. Jogou o seu corpo por cima do dele e enroscou as suas pernas. E, somente assim, o sono a invadiu.

E, assim como Petrus, Ana também sonhou com uma menininha. Ela era doce e tinha os cabelos como os seus. Ela gargalhava enquanto brincava em um balanço. Ana ficou deslumbrada com a felicidade da menininha e se aproximou.

Notou que ela usava um colar muito bonito com um nome escrito.

— Você demorou muito, mamãe.

Ana piscou, confusa, e voltou a olhá-la nos olhos.

— Mas o importante é que você veio.

E com um abraço cheio de calor, Ana sentiu-se pronta para aquela missão. Pensou em como o mundo seria melhor com Patrícia em seus braços e com Petrus para apoiá-la.

E, ao final de quarenta semanas de gestação, nascia Patrícia. Uma menininha com cinquenta e sete centímetros e quatro quilos. Era cabeluda e seus olhos eram espertos. Iam de um lado para o outro com agilidade, como se quisesse absorver cada mínimo detalhe.

Os pais, orgulhosos, não perdiam um momento sequer. Petrus cumpriu com a sua promessa e foi um pai incrível. Levantava todas as noites e buscava Paty no berço para Ana amamentar. Quando chegava do trabalho, não perdia uma única oportunidade de estar com a filha, seja dando banho ou

segurando a sua mãozinha enquanto dormia no berço.

E a história que contavam todas as noites na hora de dormir, era a de um casal de amigos que se apaixonou e passou uma noite presos em uma cabana na floresta. O final era feliz, como o de qualquer conto de fadas. E Patrícia, mesmo já grandinha, sempre suspirava quando ouvia o “e viveram felizes para sempre”.

Nota da Autora

Eu sempre me perguntei como as ideias surgiam na mente das autoras. Há um ano eu descobri como boa parte das *minhas* ideias surgiriam.

Eu sonhei com Petrus e Ana muito antes de idealizá-los.

Às vezes eu ficava olhando para algum lugar sem realmente enxergar enquanto revivia as cenas se desenrolando em minha mente. Dois jovens amantes em frente à lareira...

Quando, enfim, eles tomaram forma, eu percebi que necessitava – quase que de forma dolorosa – colocá-los no papel.

E foi o que eu fiz.

Mas a coragem para transformar esse romance em algo público demorou a chegar. Eu me considero muito sortuda por ter anjos da guarda que me guiaram tão bem e me mostraram a hora exata de compartilhar esse amo com vocês.

Então, a mensagem que eu quero passar para vocês é bem clichê, mas muito sábia: não deixe para amanhã o que pode ser dito hoje. Se você ama alguém, fale! Não guarde para você. Afinal, não sabemos o que o amanhã nos reserva.

Espero que Petrus e Ana tenham conquistado o seu coração, querido leitor. E que você tenha suspirado, se apaixonado e que muitos sorrisos bobos

tenham enfeitado seus lábios enquanto devorava essas linhas.

Obrigada pela oportunidade de conhecer o meu trabalho. E, se for possível, avalie o livro! Esse feedback é muito importante para mim, além de ajudar a divulgar o meu trabalho.

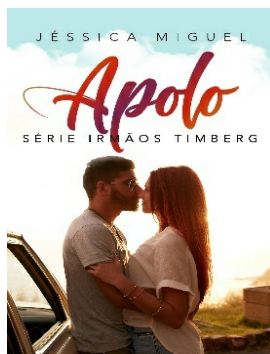
Com muito carinho,

Jéssica Miguel

Sobre a Autora

Jéssica Miguel é a típica sagitariana que adora se aventurar no mundo dos livros. Viciada em café e em filmes de super-heróis. Carioca, mas adora mesmo os dias chuvosos. É a mãe de uma princesa e, como romântica incurável, ainda acredita nos contos de fadas.

Leia também

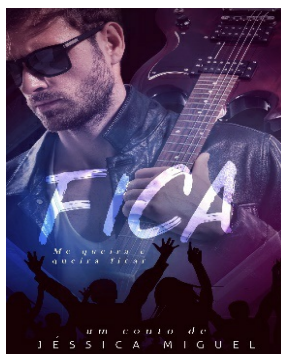


[Apolo](#)

(Irmãos Timberg – 02)

Apolo é um romântico assumido e que adora surpreender àqueles a quem ama. Quando os seus olhos se perdem no brilho dos fios acobreados e o seu coração salta uma batida, ele enxerga na imensidão dos olhos azuis esverdeados que aquela é a sua garota especial e, então, ele percebe que é a sua vez de ser surpreendido.

Naquele dia dos namorados, ele tinha tudo planejado nos mínimos detalhes. Só que Bianca, com seu jeito desastrado e atrevido, toma as rédeas da situação e Apolo não perde por esperar.



Fica

O que você faria se o amor caísse, literalmente, em seu colo?

Gus Stuck agarrou a oportunidade, mesmo sabendo que teria que se despedir em breve e, talvez, para sempre.

Leatrice embarcou naquela viagem pronta para se divertir e fazer todas as loucuras imagináveis. Mas a maior de todas, sem dúvidas, foi encontrar o amor... mesmo que não estivesse à sua procura.

Dois corações que se encontram, para logo depois dizer adeus.

Porque às vezes, ficar não é uma opção.